

Desemprego

Em busca de chance, profissionais até escondem qualificação de currículo | p. 10

De olho na corrupção

Estudantes de economia desenvolvem plataforma para que usuários fiscalizem o andamento de licitações e obras públicas | p. 3

Responsabilidade

Prefeitura congela contratações e adota linha dura com gastos | p. 9

LAÍS SOUZA QUER VOLTAR A ANDAR E SONHA COM RETORNO AO ESPORTE



ESPORTE: Ex-ginasta fala sobre sua vida pós-acidente que a deixou tetraplégica

Em entrevista exclusiva ao JORNAL DO ÔNIBUS, Laís Souza abriu o jogo sobre como anda a recuperação do acidente que transformou sua vida e a colocou em uma cadeira de rodas. A ex-ginasta, que está morando em Ribeirão Preto, acredita que pode voltar a andar e faz planos para o futuro: formar-se em psicologia, retornar à vida esportiva para orientar jovens atletas e talvez até participar de competições de bocha adaptada | p. 14

Bancas de jornal buscam inovação para resistir

p.8



17% de Ribeirão receberá kit de TV digital gratuito

p. 4

JORNALISMO UNAERP

MELHOR CURSO DE JORNALISMO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

GRADUAÇÃO EM JORNALISMO DE EXCELÊNCIA

O curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) é avaliado pelo MEC com Conceito 4, em uma escala de 1 a 5, em todos os Indicadores de Qualidade da Educação Superior de 2015, entre os quais a nota dos estudantes no ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), corpo docente, infraestrutura e projeto pedagógico do curso.

RUF – RANKING UNIVERSITÁRIO DA FOLHA

O curso de Jornalismo da Unaerp é o mais bem avaliado da região de Ribeirão Preto, de acordo com a quinta edição do Ranking Universitário da Folha de S. Paulo (RUF 2016).

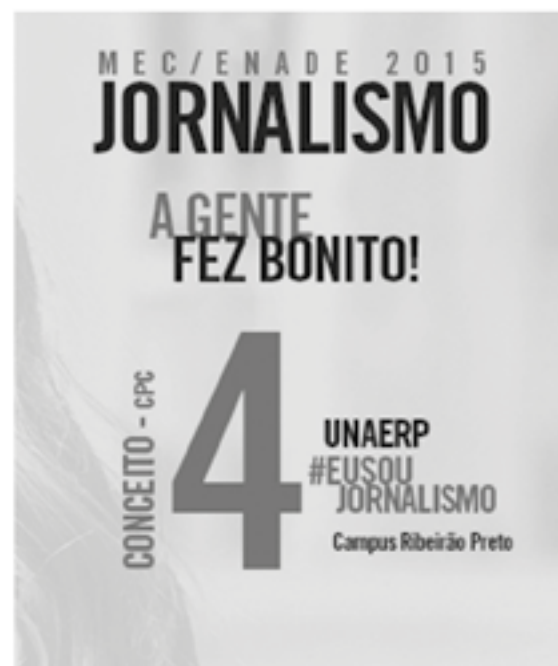
O ranking coloca a Unaerp na 39ª colocação entre os 315 cursos de Jornalismo de instituições públicas e privadas analisados em todo o Brasil.

Veja outros posicionamentos do curso de Jornalismo da Unaerp, segundo a pesquisa realizada pelo instituto DataFolha, do jornal Folha de S. Paulo:

- 4º melhor curso do interior de São Paulo;
- 14º entre as instituições públicas e privadas do Estado de São Paulo;
- 19º melhor curso do país, entre as instituições privadas de ensino.

GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES

O curso de Jornalismo da Unaerp conquistou três estrelas na classificação das melhores universidades do país, divulgada na edição Guia do Estudante Profissões Vestibular 2016 da Editora Abril.



ACESSE O PORTAL DO CURSO DE JORNALISMO. CONHEÇA OS PROJETOS E AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS NAS MAIS DIVERSAS ÁREAS, JORNAL IMPRESSO, RÁDIO, TV, FOTOGRAFIA E MÍDIAS DIGITAIS: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR
AGENDE UMA VISITA: (16) 3603-6716

PROCESSO SELETIVO 2017 | PROVAS AGENDADAS
0800 771 8388 | UNAERP.BR

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

Fundado em 1987, o *Jornal do Ônibus* é produzido pelos estudantes da quinta e sexta etapas do curso de Jornalismo da Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto) e distribuído gratuitamente aos usuários do transporte coletivo urbano nos principais pontos de ônibus da cidade.

Reitoria da Unaerp
Universidade de Ribeirão Preto
Prof. Elmara Lucia de Oliveira Bonini

Coordenação do Curso de Jornalismo
Prof. Geraldo José Santiago



Repórteres/Fotógrafos

Alice de Carvalho, Ananda Revece, Arnaldo Santos, Desiree Viana, Douglas Gabriel, Francine Rodrigues, Giovanna Grepí, Giovanna Pratali, Jeziel Araújo, Joanna Prata, Júlia Gracioli, Juliana Leal, Leonardo Castro, Lívia de Oliveira Furlan, Líria Machado, Lucas Mercês, Maria Júlia Pereira, Murilo Badessa, Pedro Grossi, Samantha Verhaeg, Vitor Neves e Vitória Junqueira

Edição e Diagramação

Editor Chefe: Rafael Reis
Auxiliar de Edição: Alice de Carvalho
Diagramação: João Flávio de Almeida
Auxiliares de Diagramação: Alice de Carvalho, Líria Machado e Samantha Verhaeg
Edição Fotográfica: Cesar Mulati
Auxiliar de Edição Fotográfica: Francine Rodrigues

Impressão

Gráfica Rochedo

UNAERP
Universidade de Ribeirão Preto
Curso de Jornalismo
Av. Costábile Romano, 2.201
CEP 14.096-380
Ribeirão Preto - SP

PLATAFORMA PROMETE MONITORAR CORRUPÇÃO



ESTUDANTES DA FEA-RP/USP DESENVOLVEM SISTEMA PARA QUE USUÁRIOS TENHAM CONDIÇÕES DE FISCALIZAR LICITAÇÕES E OBRAS PÚBLICAS

Já pensou, com um simples toque no seu celular, você, cidadão, denunciar uma irregularidade em uma obra pública? Ou simplesmente entender os vários números e termos estranhos do portal da transparência no site do seu município?

Pois bem, pensando nessa necessidade da população brasileira, um grupo de estudantes da FEA-RP/USP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo) criou a Palp (Plataforma de Acompanhamento de Licitações Públicas). O projeto foi apresentado na Hackathon (Maratona de Programação) da USP São Paulo e venceu na categoria como melhor solução em Transparência em Combate à Corrupção.

Criada em 24 horas, a Palp tem como objetivo acompanhar e divulgar informações de todas licitações públicas. Como ainda está em fase de aperfeiçoamento, a plataforma está focada no momento apenas em acompanhar obras públicas.

Para os criadores da plataforma Renan Rocha, Gabriel Britto e Victor Jorge, todos estudantes do curso de economia empresarial e controladoria, a Palp será um grande empoderador para a que a população participe e questione mais o poder público, pois traz dados bem mais claros e intuitivos para que qualquer pessoa entenda as informações de uma licitação.

“Sabemos que depois de um dia de trabalho o cidadão não vai ficar procurando o portal da transparência do município para saber como estão sendo gastos seus impostos. Mas, se as informações estiverem de



Criadores da Palp, plataforma online de combate à corrupção (FOTO: FRANCINE RODRIGUES)

uma forma mais rápida e simples em uma única janela, com certeza isso vai estimular a pessoa a participar e questionar mais”, explica Renan.

“Mudando o que acontecia anos atrás quando o Estado fiscalizava a população. Hoje, quem fiscaliza o Estado é a população”, completa Victor, outro dos pais da Palp.

De acordo com Gabriel, além de informações mais claras, outro grande diferencial do projeto é a participação total da população. “A plataforma vai levar mais transparência para a população, pois ela permite que o cidadão participe enviando fotos e comentários sobre como está sendo gasto seu dinheiro público”, afirma.

De acordo com a lei federal de número 12.527, de 18 de novembro de 2011, todo e qualquer cidadão tem o direito de acesso a informações garantido por parte de todo órgão público, onde qualquer pessoa pode visualizar ou mesmo requerer uma informação caso ela não esteja elencada no portal de transparência de sua cidade.

Porém, nem todo município adere à essa transparência total. Parte deles utiliza muitos termos técnicos próprios de quem tem conhecimento de finanças públicas e por muitas vezes passam somente informações superficiais, deixando os detalhes mais importantes de fora. “A transparência governamental nos portais, via de regra, cumpre muito mais no aspecto formal, na aparência, do que material, em seu conteúdo”, explica o advogado Luiz Eugênio Scarpino Júnior.

Scarpino afirma ainda que falta clareza nos portais de transparência. “Não digo que a parte técnica deva ser dispensada, mas caberia muito bem um glossário, um resumo explicativo, notas claras sobre o real alcance das informações ali trazidas”.

Acreditando que, se houvesse maior participação do povo na fiscalização, muitos abusos seriam identificados, o advogado destaca também a importância da participação popular na luta contra a corrupção.

“Falta muita atenção nas licitações públicas e,

quando se põe uma lupa nas contratações, é possível identificar inconsistências, sobrepreços e desperdícios. O controle social é uma das mais importantes ferramentas para a administração pública”, justifica.

Segundo o vereador de Ribeirão Preto Isaac Antunes (PR), a Palp transformará todos os municípios em agentes fiscalizadores. “Às vezes, o que pode passar despercebido por um agente fiscalizador eleito pela população, como por exemplo um vereador, pode não passar pelo próprio cidadão. Por isso, a importância da plataforma onde o município alertará o poder público sobre a irregularidade e poderá até mesmo notificar o ministério público.”

De acordo com o estudo feito pela entidade Transparência Internacional, o Brasil fechou 2016 na 79ª colocação entre 176 países sobre a percepção de corrupção no mundo. Para o vereador Lincoln Fernandes (PDT), o projeto será uma ferramenta que não deixará que o político se sinta “acomodado”.

“A plataforma não deixará o político que está mal intencionado querendo fazer qualquer coisa errada, pois a qualquer momento ele pode ser fiscalizado pela população. A política chegou a determinada situação que ela exige transparência total, não há mais espaço para picaretas e nem para falcaturas, apesar de muitos insistirem. Mas o povo não é mais bobo e nada melhor do que o povo controlar na ponta dos dedos aquilo que está acontecendo”, afirma.

Os idealizadores da plataforma já foram procurados por vários representantes políticos de outras cidades do Brasil interessados no projeto. A previsão dos responsáveis pela Palp é que ela esteja em pleno funcionamento no próximo ano. Não apenas em Ribeirão, mas em todo o país.

“Até o final deste ano, a nova atualização da Palp já estará pronta. Nossa meta é sair da cidade e espalhar a plataforma para todo país, empoderando o brasileiro e tornando o Brasil um país mais limpo e transparente”, complementa Renan. ■

17% DE RIBEIRÃO TERÁ KIT DIGITAL GRATUITO



BENEFICIÁRIOS DE PROGRAMAS SOCIAIS DO GOVERNO FEDERAL TÊM DIREITO A CONVERSOR PARA TV DIGITAL

Cerca de 17% da população de Ribeirão Preto e região vai receber, gratuitamente, o kit da televisão digital. Segundo a Abert (Associação Brasileira de Rádio e Televisão), serão distribuídos 74.572 kits, para quem participa de programas sociais do governo federal, como Bolsa Família ou Minha Casa, Minha Vida, entre outros.

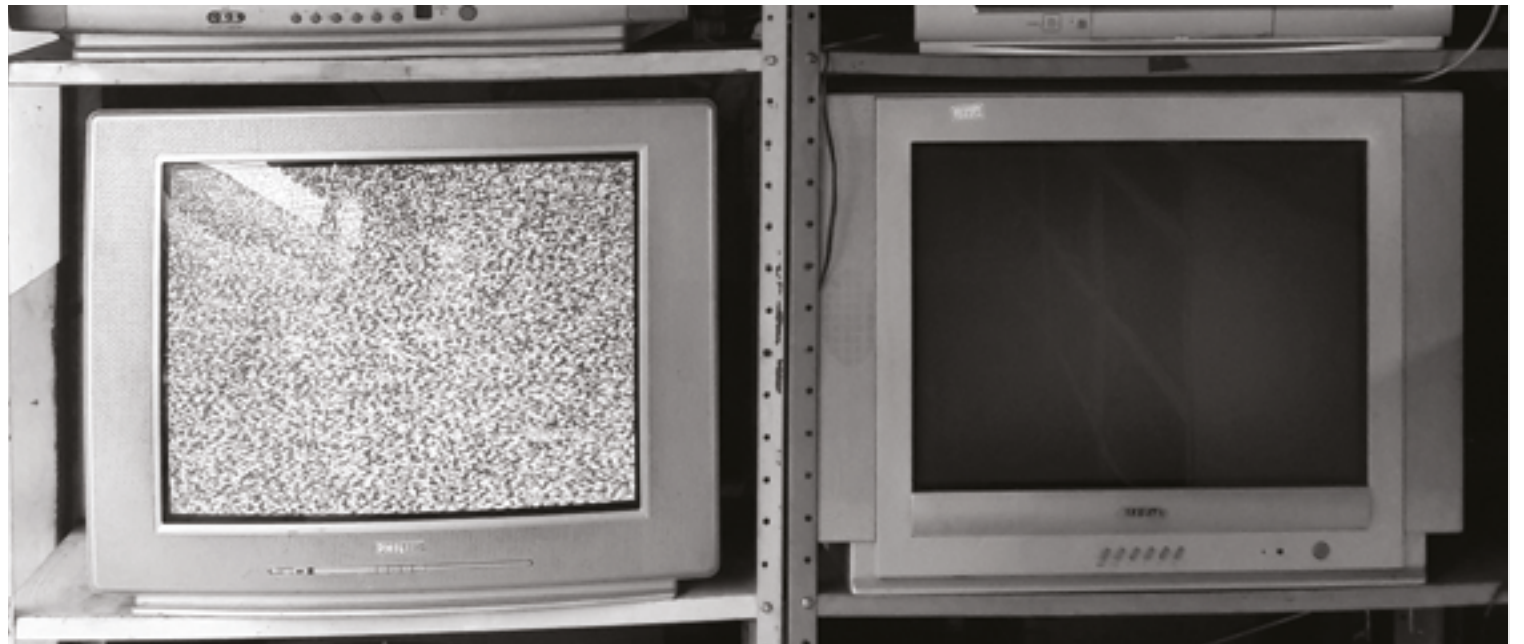
A alteração do sinal de TV vai atingir uma população de 1.117.000 habitantes, em 442 mil residências em 20 cidades.

Luiz Roberto Antonik, diretor geral da Abert, explica que devido ao alto poder aquisitivo da região, a quantidade de kits entregues gratuitamente será menor que em outras cidades: “Para se ter uma ideia, em São Paulo, não chegamos a 30%. Já em em Fortaleza, esse número sobe para 49%”, explica.

Para receber o kit, os beneficiários do governo federal só precisam ligar gratuitamente para o número 147 ou acessar o site “www.sejadigital.com.br”, tendo em mãos o CPF (Cadastro de Pessoa Física) e o NIS (Número de Identificação Social) e agendar a busca, que deve começar em agosto. A instalação, no entanto, fica por conta do próprio beneficiário.

Inicialmente, o desligamento do sinal analógico na região de Ribeirão estava previsto para 27 de setembro. Mas o Gired (Grupo de Implantação do Processo de Distribuição e Digitalização de Canais de TV e RTV), criado para dar a orientação no processo da transição, solicitou o adiamento a quarta semana de novembro.

Agora, ele está à espera da publicação da decisão no Diário Oficial. O pedido ocorreu devido a problemas técnicos em algumas estações de televisão pelo país e a produção dos kits



TVs analógicas sem conversor digital não transmitirão programação depois de apagão (FOTO: DOUGLAS GABRIEL)

para serem entregues.

O segurança Anderson Adriano Fernandes estava sabendo da mudança no sinal, mas não da alteração da data. Dono de uma TV de tubo de 21 polegadas, ele não vai receber o kit gratuitamente, mas pretende comprá-lo neste mês. “Mais para o final do ano vou comprar um televisão mais moderna.”

A mudança para o sinal digital vai mudar sensivelmente a qualidade de áudio e imagem, reduzindo os problemas de ruídos e chuviscos das TVs mais antigas, que não têm o conversor digital. Para saber qual o sinal você está recebendo, basta olhar o canto da sua tela. Se seu sinal ainda for analógico, uma marca irá identificá-lo, não importa qual canal você esteja assistindo.

Outra forma é procurar o selo “DTV” (Digital Television) no aparelho. As televisões sem o selo não são digitais. Por decisão do governo, todos os aparelhos maiores que 26 polegadas fabricados a partir de 2011 já possuem um conversor integrado.

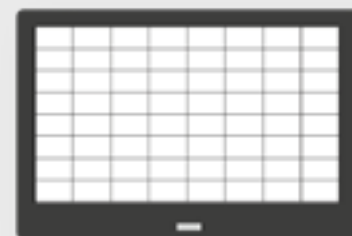
O desligamento vai acontecer porque o governo federal fez o leilão da frequência atualmente ocupada pelas televisões

analógicas. Foram arrecadados pouco mais de R\$ 5 bilhões. “Uma parte deste dinheiro foi separado para a entrega do kit”, declara Antonik. No futuro, essa banda de 700 MHz (Megahertz) vai ser utilizada pelas operadoras de telefonia celular para a melhoria do sinal 4G de todo o país. Em Brasília e na região metropolitana de São Paulo (capital), já aconteceu a alteração.

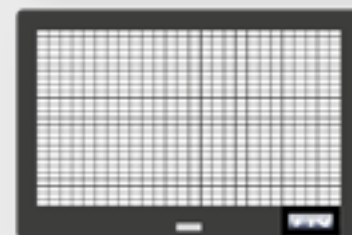
Fauler Costa, iniciou a venda do conversor e da antena na sua loja de eletrônicos usados, no centro de Ribeirão Preto, há seis meses. “Até agora, foram vendidas aproximadamente 80 peças. A nossa maior procura foi na semana do desligamento da cidade de São Paulo. O pessoal estava achando que era para o estado inteiro”, comenta.

Para haver a conversão do analógico para o digital, é necessário que pelo menos 93% da população tenha feito a mudança. “Não há ainda uma pesquisa de quantas residências alteraram o sinal. Provavelmente em setembro vamos ter esse número”, comentou Antonik. Na região de Franca, 297 mil residências terão de fazer a transição, e 67 mil kits serão entregues. ■

Diferenças de sinal



TV Analógica
Sinal analógico
704x480 pixels
2 canais de áudio



TV Digital
Sinal digital
1920x1080 pixels
16 canais de áudio*

*Desde que seja disponibilizado pela emissora.

Cidades da região de Franca que terão sinal desligado:

Aramina, Barretos, Batatais, Buritizal, Colina, Colômbia, Cristais Paulista, Franca, Guarará, Guarará, Igarapava, Ipuã, Itirapuã, Ituverava, Jaborandi, Jeriquara, Miguelópolis, Nuporanga, Patrocínio Paulista, Pedregulho, Restinga, Ribeirão Corrente, Rifaina, São Joaquim da Barra e São José da Bela Vista.

Cidades da região de Ribeirão Preto que terão sinal desligado:

Altinópolis, Barrinha, Brodowski, Cravinhos, Jaboticabal, Jardinópolis, Luís Antônio, Morro Agudo, Orlândia, Pitangueiras, Pontal, Ribeirão Preto, Sales Oliveira, Santa Cruz da Esperança, Santo Antônio da Alegria, São Simão, Serra Azul, Serrana, Sertãozinho e Taquaral.

MAURICIO DE SOUSA BANCA REVITALIZAÇÃO DE CRECHE DEPREDADA



CRIADOR DA TURMA DA MÔNICA, CARTUNISTA FINANCIA RECONSTRUÇÃO DE ESCOLA QUE SOFREU COM AÇÃO DE VÂNDALOS EM MONTE ALTO, A 80 KM DE RIBEIRÃO

Você foi uma daquelas crianças viciadas em gibis? E os quadrinhos da Turma da Mônica, conhece? O pai da criançada é o cartunista Mauricio de Sousa... Sabia que os personagens foram inspirados nos filhos dele?

Com um projeto de migrar seus personagens para os cinemas no próximo ano, o famoso cartunista brasileiro e membro da Academia Paulista de Letras enviou sua turma para uma missão especial: levar alegria e muita diversão para as crianças de Monte Alto, cidade a 80 km de Ribeirão Preto.

Os amigos Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Bidu estampam agora as paredes da Escola Municipal de Ensino Básico "Laís Amanda Adriano".

E essa decoração foi produzida e enviada pelo próprio Mauricio de Sousa, logo depois de a creche

ter sofrido um ataque de vândalos em 20 de março.

Um grupo de jovens invadiu o local durante a madrugada e danificou toda a estrutura, quebrou brinquedos, rasgou as embalagens dos alimentos, espalhou pelo chão todo estoque de leite em pó, pichou as paredes e urinou nos colchões.

Quando a notícia ganhou repercussão, o jornalista Benê Abreu teve a ideia de entrar em contato com a equipe do cartunista Mauricio de Sousa, já que a Turma da Mônica decorava a escola.

Mauricio reagiu com o espanto ao saber da notícia, mas trabalhou para que a depredação não atrapalhasse o futuro das crianças. "A força de todos que querem o bem supera qualquer acontecimento ruim.", disse o cartunista.

Segundo o criador da Turma da Mônica, toda

semana chegam diversos pedidos pelas redes sociais de escolas que precisam de materiais didáticos. Ele tenta atender a todos como pode.

No caso da escola vandalizada, sua equipe fez o contato através de Ricardo Okino, representante da marca no Japão e também montealtense, que foi até a cidade natal e fez a entrega dos presentes: um novo painel feito especialmente para a escola, livros didáticos, materiais, CDs e chocolates. A equipe da secretaria de Educação, professores, funcionários e as crianças participaram da festa.

Durante a entrega, Ricardo agradeceu a oportunidade de representar seu trabalho em sua cidade natal e desejou bons frutos à creche. "Ver a felicidade das crianças recebendo os presentes é o que deixa todas as coisas ruins para trás", disse.

Ao ser questionado sobre o principal objetivo do seu trabalho, o cartunista assegurou que a diversão está em primeiro lugar.

"A criança é movida a curiosidade que leva ao conhecimento. É fundamental passar uma mensagem positiva entre os quadrinhos para que as crianças acreditem que podem mudar os erros que adultos estão fazendo pelo mundo", afirmou.

A obra de Mauricio de Sousa carrega grande identidade visual, que prende a atenção das crianças. É por isso que os professores costumam utilizar essa linguagem como ferramenta de ensino em sala de aula.

A coordenadora da creche, Izilda Figlioli Donato, apontou que foi necessário algo ruim acontecer para que toda a equipe sentisse o tamanho da importância que todos os

educadores têm diante as crianças. "Foi impactante entrar nas salas e encontrar tudo destruído, nos sentimos desrespeitadas e impotentes". A equipe fez um boletim de ocorrência na delegacia e tomou medidas de segurança para que a situação não ocorra novamente. "Tivemos que instalar alarmes em todas as portas e janelas."

Emocionada, Izilda agradeceu o carinho recebido de toda a equipe da Turma da Mônica. "Sabemos que a solidariedade é uma virtude. O Mauricio foi essencial na nossa recuperação. Além de nos mandar os materiais, fez questão de gravar um vídeo autografando e desenhando o Bidu."

"A escola foi inventada para que as crianças pudessem construir seu futuro com cada tijolinho dado pelos professores", completa o cartunista. ■



Painel produzido por Mauricio de Sousa para creche em Monte Alto (FOTO: SARAH PELLOSO)

CRIANÇAS BUSCAM DINHEIRO NAS RUAS

Gabriel (nome fictício) tem apenas 11 anos, mas pega sua bicicleta todos os dias depois da escola para vender panos de pratos nas principais e mais movimentadas avenidas de Ribeirão Preto.

Junto com João, também de 11 anos, pedala um total de 24 km diários. O caminho começa no bairro do Simioni, onde moram, e vai até a região da avenida Nove de Julho, onde compram os panos que serão vendidos nos semáforos da região.

Além deles, muitos outros jovens buscam dinheiro com a venda de panos pela cidade.

José, de 15 anos, é irmão mais velho do Gabriel. Ele começou a buscar dinheiro nos semáforos aos 12 anos e se diz com feliz com o resultado do trabalho.

“Com o dinheiro que fiz vendendo coisas no farol, eu fiz minha tatu-

agem”, conta, mostrando um palhaço estampado na perna direita. “Agora eu quero comprar uma bicicleta motorizada.”

Outros adolescentes buscam ajudar a família com as despesas da casa. Essa é a vida de Pedro, de 15 anos, que mora com a mãe, a avó e duas irmãs mais novas em uma casa de um quarto na zona norte. Ele conta que a avó não tem condições de trabalhar e que ela cuida das irmãs enquanto a mãe trabalha o dia todo.

Pedro muitas vezes precisa faltar às aulas para vender os panos. “Tem dia que falta leite para minhas irmãs e eu venho mais cedo tentar vender um pouco mais”.

Apesar da concorrência ser grande, já que há vários jovens vendendo a mesma coisa, eles se dizem bastante unidos “Somos amigos. A gente vem junto e vai embora junto,

precisamos das mesmas coisas”, diz um deles.

Todos compram os panos na mesma loja no centro da cidade e pagam R\$ 1 por cada peça. Pedalam para a avenida para vender pelo dobro. Segundo eles, é possível juntar até R\$ 300 nos melhores meses e sábado é o dia das maiores vendas.

Mas, apesar da alegria demonstrada pelos vendedores mirins, a ação representa um problema social. Os jovens podem acabar faltando nas aulas para ir às ruas vender seus produtos, já que muitos deles acreditam que a educação não traz benefícios e é apenas uma perda de tempo.

Para Joana Dalva Semprini, diretora da proteção social básica da prefeitura de Ribeirão Preto, as crianças estarem nos semáforos da cidade, e não na escola, é um risco. “Elas estando nas ruas,

podem sofrer acidentes nos semáforos”, explica.

Ainda segundo Joana, as crianças deveriam frequentar a escola, praticar esportes e também fazer

atividades culturais.

Procurada pela reportagem, a prefeitura não respondeu qual o número de crianças que trabalham nas ruas da cidade. ■



Criança na rua (FOTO: PAULO HENRIQUE MORENO)

LUCAS MERCÊS

BOTECOS RESISTEM AO TEMPO

Chão sujo, cadeiras e mesas de plástico, comanda de papel, salgadinhos expostos na estufa, muitas bebidas atrás do balcão, mesa de sinuca, caixas de cerveja empilhadas, retratos e adesivos nas paredes e, o mais importante, pessoas felizes e risonhas, além, é claro, da cerveja “trincando”: esse é o inigualável e brasileiro boteco.

Sair do expediente e tomar uma cerveja com os amigos no boteco é quase sagrado, e ela precisa vir acompanhada dos famosos aperitivos: azeitonas, salame, amendoim, entre outros. Apesar da correria da vida moderna, ainda há muitos botecos por todos os cantos de uma ci-

dade, uns maiores, outros menores, porém todos com aquele aconchego de sempre. “No boteco, você tem contato com todo mundo, é mais descontraído”, afirma Carlos Alberto, dono do “Ce Ki Sabe”, localizado no bairro Jardim Paulistano.

Além do boteco possuir um aspecto retrô, o local também tem o poder de unir todas as classes sociais e pessoas de diferentes idades, dos mais jovens até os mais experientes, juntos para tomar uma cerveja e se divertir. “Aqui vem desde o catador de latinha até juiz e médico”, conta Claudio Roberto Araujo, dono do “Bar do Claudio”, vizinho do “Ce Ki Sabe”.

Apesar de boteco ser o tipo de bar mais famoso e amado do Brasil, poucos sabem de onde veio seu nome. A palavra “boteco” é derivada de “botequim” que tem como origem “botica”, armazém onde era comercializado um pouco de tudo no começo do século passado.

Como os clientes faziam compras e conversavam no estabelecimento, os proprietários começaram a servir aperitivos e bebidas aos fregueses. Naquela época muitos, bares não eram vistos como locais para “homens de família”. Com o tempo, as boticas se transformaram em um ponto de encontro, onde os compradores frequen-

tavam mesmo sem precisar adquirir nada.

Ir ao boteco se tornou cultura no Brasil. É possível encontrar quem vai pouco, ou até mesmo quem nunca foi, mas muita gente gosta de tomar uma “gelada” em um boteco depois de um longo e cansativo dia de trabalho. “O cara sai do serviço e o primeiro lugar que ele vai é para o boteco, tomar uma para relaxar, depois ele vai para casa”, confirma Carlos Alberto.

Porém, para a tristeza dos amantes de botecos, essa tradição brasileira está diminuindo, Claudio Roberto, que está no ramo há 20 anos, diz que o movimento atual não é o mesmo de antigamen-

te. “Não tem mais aquela coisa do cara vir todo dia tomar uma cerveja, bater um papo, mas ainda existem os clientes assíduos”, complementa.

Boteco é um local que reúne muitas piadas e histórias engraçadas. Claudio Roberto se lembra de uma que ocorreu em seu próprio bar. “Um cliente meu estava tratando dos dentes, mas ninguém sabia que ele usava dentadura, ele havia trocado ou ajustado a dentadura e acho que não encaixou bem na boca. Nós estávamos conversando, quando ele espirrou e a dentadura caiu em cima da mesa. Era hora do rush, o bar estava cheio, foi a maior gozação”, conta. ■

INTERCAMBISTAS VIAJAM PELO MUNDO PARA FAZER O BEM



INTERCÂMBIO PODE IR MUITO ALÉM DE APRENDER UMA NOVA LÍNGUA E TER CHANCE DE ESTUDAR NO EXTERIOR

Intercâmbio social é oportunidade de adquirir experiência única
(FOTO: GIOVANNA PRATALI)



Aperfeiçoar o idioma e ao mesmo tempo prestar serviço social. Esses são os principais objetivos dos jovens que procuram pelo intercâmbio voluntário em países que não estão entre os destinos turísticos mais procurados.

Mas prestar trabalho voluntário no exterior não significa viajar de graça. Os valores variam de acordo com o destino e duração. Um intercâmbio com permanência de duas semanas, por exemplo,

custa em média 650 euros, o equivalente a R\$ 2 mil.

Os intercambistas levam consigo o comprometimento e a boa vontade para dedicar seu tempo e talento ajudando outras pessoas. Juliana Fernandes viajou em 2015 para a Irlanda. Lá, ela trabalhou por um ano e meio na Camphill Community Callan, uma comunidade que tem por missão cuidar e propiciar uma vida digna a pessoas com necessidades especiais.

Juliana trabalhava em

média 10 horas por dia, com direito a um dia de folga por semana. “Cada dia era diferente. Um dia, por exemplo, eu tinha que cuidar dos residentes pelos quais eu era responsável, no outro ajudava na limpeza, na cozinha ou na fazenda”, conta.

Já Amanda Trevisan, aos 22 anos, escolheu como destino a cidade de Suceava, localizada no interior da Romênia.

“Trabalhei por seis semanas em uma creche pública, para crianças de três

a seis anos”, relata.

Ela conta que ficou hospedada em um hotel, onde dividia o quarto com outras duas meninas, uma brasileira e uma da Indonésia. “Nós trabalhávamos em projetos diferentes. Cada um deles possuía uma carga horária. O meu se dava apenas no período da manhã”, explica.

Em janeiro de 2015, o estudante de matemática aplicada a negócios Henrique Munerato viajou para Manila, capital das Filipinas. Ele prestou trabalho voluntário em um centro recreativo para crianças, localizado em um bairro carente da cidade. “Eu dava aula de matemática para crianças e para alguns adultos, além de ensinar futebol para adolescentes durante todo o período do meu intercâmbio”, diz.

Na época em que Henrique participou do programa, ele não tinha conhecimento de outras línguas, dominava somente o português. “Estava morando com mais de 20 pessoas que falavam inglês, me dediquei para aprender, hoje tenho um nível intermediário/avançado”, relata o estudante.

EXPERIÊNCIA

Amanda completa que a viagem lhe trouxe experiência e autoconhecimento. “Ajuda a ser mais empático, ter maior visão de mundo, olhar a sua vida e seus problemas por outra perspectiva e ter mais consciência sobre a realidade das políticas públicas do seu país”.

Além do conhecimento adquirido sobre didática,

Henrique fez novos amigos na viagem. “Tenho uma casa em cada canto do mundo, desenvolvi uma nova língua. Sou uma pessoa menos mesquinha e que está disposta a ajudar todos que precisam”.

Para Juliana, o intercâmbio foi um fator que mudou sua vida. “Costumo dizer que a Juliana que foi não é a mesma que voltou. Vejo o mundo com outros olhos, ganhei experiência no lado humano e emocional. É transformador, motivador”.

INTERCÂMBIO SOCIAL

As agências costumam trabalhar com instituições padrões pré-selecionadas. Oferecem pacotes que já incluem tudo o que é necessário para trabalhar no exterior, inclusive a taxa de doação que será convertida para a entidade escolhida.

O trabalho pode ser feito de maneira independente ou por intermédio de uma agência responsável pelo chamado “volunturismo” ou “trabalho voluntário”. Em Ribeirão Preto, a organização sem fins lucrativos Aiesec é uma das principais mediadoras de programas desse tipo. No ano passado, 45 jovens utilizaram o serviço na cidade.

Henrique, que foi intercambista e é membro da Aiesec, conta que o objetivo da ONG é se tornar cada vez mais acessível. Para ser voluntário, nenhuma formação específica é necessária. “A instituição exige apenas que o interessado tenha entre 18 e 30 anos”, completa. ■

BANCAS BUSCAM CARA NOVA PARA SOBREVIVER



PARA DRIBLAR CRISE DO IMPRESSO, ESTABELECIMENTOS TRADICIONAIS DE RIBEIRÃO VENDEM ATÉ ESMALTES

Por mais que a internet e a diversidade do mundo virtual facilitem o acesso às informações, a tradição de acordar cedo e buscar jornal na banca não se perdeu. A agilidade, objetividade e grande abrangência dos meios de comunicação digitais não são suficientes para afetar o hábito de folhear um veículo impresso.

As bancas de jornais e revistas ainda são vistas como ponto de referência e credibilidade para grande parte da sociedade. “Os clientes gostam do papel, de sentir a notícia. A internet não te dá esse prazer, ela é vazia”, explica Ana Cláudia Balieiro Tonetto, que gerencia a Banca do Bá, no centro de Ribeirão Preto. “Atrapalhou, claro, mas existe público para os dois”.

Ana trabalha em bancas desde os 14 anos e vivenciou a modernização do ambiente. Para ela, o estabelecimento deve acompanhar as tendências da modernidade. “Aqui é tudo muito rápido, tem que ser. O cliente precisa encontrar tudo o que ele está procurando.”

Na Praça Carlos Gomes, no Calçadão, o movimento é bastante intenso. Em menos de cinco minutos, cerca de 15 pessoas passaram pela Banca do Bá buscando vários tipos de serviço. O estabelecimento aposta na diversidade para conquistar novos consumidores e vende desde refrigerantes e cigarros até esmaltes e perfumes.

Já a Banca Paulista, localizada na avenida Independência, aliou a tecnologia ao serviço. “Agora, começamos a repassar as



Mulher observa novidades em banca de revistas no centro de Ribeirão Preto (CRÉDITO: ALICE DE CARVALHO)

novidades por uma rede social”, explica Camila Rufino, filha dos proprietários. “Nossos clientes são comunicados de todos os produtos diferentes e novas coleções que chegam”, complementa.

Não existem dados concretos que mostrem, mas os comerciantes estimam que nos últimos dois anos cerca de 20 bancas de jornais e revistas fecharam as portas em Ribeirão Preto.

Mário Rufino, dono da Banca Paulista, afirma que o mercado nunca foi constante e a banca viveu momentos de glória. “Cinco ou seis anos atrás, as revistas femininas fizeram minhas vendas explodirem”. Ele conta que reviveu essa experiência com a deflagração

da Operação Sevandija na cidade, que investigou o alto escalão da política ribeirãno-pretana. “Até quem não tem muito interesse em política parou para ler o jornal e entender o que estava acontecendo”.

Mesmo que a explosão da mídia digital tenha afetado a circulação do impresso, as bancas continuam sendo local de debates, trocas de informações e aprendizado.

“Aqui eu escuto todos os tipos de histórias, conheço todos os tipos de pessoas”, comenta Ana. Quanto aos clientes, os hábitos não mudaram muito. “Tem gente que chega todos os dias às 6h30 da manhã”, pontua Camila. “Em compensação, tem jovem que entra e pergunta como funcio-

na, porque nunca frequentou uma banca”.

TRADIÇÃO

Na década de 1950, Cássio Balieiro inaugurou a primeira banca de jornais e revistas de Ribeirão Preto. O comércio ficava na calçada do cruzamento das ruas São Sebastião e Tibiriçá. Por mero acaso, Cássio desenvolveu alergia à poeira da banca e precisou se afastar. Para dar continuidade ao negócio, ele contou com a ajuda de familiares.

Após uma adequação da Prefeitura, a banca foi transferida ao Calçadão. Hoje, a família possui dois comércios próximos. “A banca era do meu avô, passou ao meu tio e hoje eu e

meu pai estamos aqui”, explica, Ana Cláudia.

Há quase 40 anos no mercado, a família Rufino é proprietária de uma das bancas mais tradicionais e frequentadas de Ribeirão Preto. A herança repassada de geração a geração traduz o cuidado no atendimento e a satisfação em oferecer o que o cliente procura. “Eu cresci aqui, hoje atendo clientes que viam minha mãe me amamentando atrás do balcão”, conta Camila.

Mário e Carmelita Rufino são os fundadores do comércio, mas com o passar dos anos cederam o comando às duas filhas, Camila e Márcia. “É gostoso e gratificante ficar todo esse tempo e ainda poder repassar para nossas filhas”, diz Mário. ■

PREFEITURA CONGELA CONTRATAÇÕES PARA CONTER GASTOS



PROIBIDA DE CRIAR CARGOS, ADMINISTRAÇÃO ADOTA POLÍTICA DE AUSTERIDADE PARA EVITAR QUE MUNICÍPIO INFRINJA LEI DE RESPONSABILIDADE FISCAL

Quem sonha com serviço público em Ribeirão Preto e está à espera da abertura de concurso para preenchimento de vagas precisará de paciência.

A Prefeitura está proibida de criar cargos e contratar pessoal, com exceção da reposição decorrente de aposentadoria ou falecimento de servidores das áreas de educação, saúde e segurança.

Isso porque, no ano passado, o município gastou 51,45% de tudo que arrecada para pagar funcionários e extrapolou o limite prudencial estabelecido pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), fixado em 51,30%.

“A Lei de Responsabilidade Fiscal foi criada justamente para impedir situações como o excesso de gasto com pessoal, pois ele compromete a qualidade dos serviços públicos, tendo em conta que diminui a possibilidade de investimentos em saúde, educação, infraestrutura, entre outras áreas”, afirma o advogado especialista em direito tributário Alexandre Rego.

No acumulado de todo o ano de 2016, as despesas com pessoal em Ribeirão somaram cerca de R\$ 1 bilhão, contra uma receita de pouco mais de 2 bilhões, segundo o Portal da Transparência. De acordo com a LRF, estados e municípios podem comprometer, no máximo, até 54% da Receita Corrente Líquida (RCL) com o fun-

cionalismo público.

Coincidência ou não, o relatório alarmante do Executivo municipal e as medidas de austeridade decorrentes dele chegaram em meio a período de negociações e manifestações de servidores municipais por aumento salarial. Somente depois de 21 dias de greve geral, a proposta de reajuste feita pela prefeitura foi aprovada pela categoria, encerrando as paralisações, e, em 27 de abril, convertida em projeto de lei pela Câmara Municipal.

Para conseguir cumprir com os compromissos, o governo municipal parcelou o reajuste de 4,69% em duas parcelas, uma de 2,35% referente a março, e outra de 2,34% a partir de setembro. Antes, a prefeitura também havia alterado o pagamento dos salários dos servidores para o quinto dia útil do mês posterior trabalhado com o objetivo de “aliviar o fluxo de caixa”.

A prefeitura alega que “a proposta de 4,69% seria o máximo que o município conseguiria conceder para não estourar os limites orçamentários e da Lei de Responsabilidade Fiscal”. Segundo a Secretaria da Fazenda, a projeção é que a folha de pagamento aumente em R\$ 35 milhões até o final deste ano.

De acordo com Rego, apesar da lei fiscal também vetar a concessão de reajustes para o funcionalismo quando o município

ultrapassa o limite prudencial de gastos, existe uma exceção no artigo 37 da Constituição definindo que a remuneração dos servidores públicos e o subsídio somente poderão ser fixados ou alterados por lei específica, como é o caso de Ribeirão. “Todavia, se exceder o limite previsto no artigo 20 da lei fiscal, as sanções serão aplicadas mesmo assim.”

O secretário da Fazenda, Manoel Jesus Gonçalves, afirma que, visando à adequação aos limites da lei fiscal, foram adotadas diversas medidas de contenção de gastos. “Foram cortados mais de 50% de

cargos em comissão. A redução de comissionados resultou em uma economia de 45,6% no primeiro trimestre deste ano em comparação ao mesmo período do ano passado”. Com isso, foi possível economizar R\$ 45 milhões durante o primeiro trimestre de 2017. A meta é conseguir economizar R\$ 300 milhões, já que o déficit previsto para este ano é de R\$ 350 milhões.

Para Rego, caso Ribeirão não cumpra as medidas restritivas e ultrapasse o limite máximo de gastos com pessoal, o município poderá sofrer as sanções previstas na LRF. “A aplicação das penali-

dades prejudicará a parte financeira do município e os serviços públicos básicos. Além disso, os administradores poderão ser pessoalmente responsabilizados”, explica.

A prefeitura, entretanto, ressalta que vem trabalhando para não ultrapassar esse limite.

“A previsão é de gastos inferiores ao limite prudencial para o relatório do 1º quadrimestre de 2017”, adianta o secretário. Ele também garante que, pelo menos por enquanto, “não há previsão de remanejamento de recursos de serviços essenciais à população para pagamento dos servidores”. ■

MEC/ENADE 2015
JORNALISMO
A GENTE
FEZ BONITO!
CONCEPTO - CPC
4
UNAERP
#EUSOU
JORNALISMO
Campus Ribeirão Preto

GRADUAÇÃO EM JORNALISMO DE EXCELÊNCIA

UNAERP
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarul

EM BUSCA DE EMPREGO, PROFISSIONAIS ATÉ “PIORAM” CURRÍCULO



“TER BOAS QUALIFICAÇÕES NÃO SIGNIFICA TER VANTAGEM SOBRE OUTROS CANDIDATOS”, DIZ ZOOTECNISTA QUE NUNCA TEVE REGISTRO EM CARTEIRA

Maísa Heker exibe o currículo com orgulho. A zootecnista não tem dúvidas de que escolheu a profissão que ama. A paixão pelos animais fez com que ela estudasse muito buscando aperfeiçoamento. O currículo dela tem três páginas de qualificações, com graduação, mestrado, doutorado, artigos científicos, estágios, pesquisas e até um livro publicado. Tudo na área de zootecnia. Apesar disso, ela não consegue arranjar emprego.

De acordo com ela própria, o currículo costuma “assustar o recrutador”.

A zootecnista tem 13 anos de estudos na área, mas nenhum de registro em carteira. Isso porque os estágios feitos ao longo deste tempo não contam como experiência profissional. Com doutorado, mas sem experiência, ela aprendeu a adotar estratégias diferentes para entrevistas de emprego. “Muita informação atrapalha. Dependendo da vaga, eu retiro trabalhos publicados, publicações científicas e orientações”, afirma.

Mas o mesmo currículo que a exclui do mercado de trabalho faz dela uma espécie de referência. Como ela mesmo relata, “é muito comum que gestores de empresas que não me contrataram liguem para tirar dúvidas de assuntos que domino”. Segundo ela, “ter boas qualificações não significa ter vantagem sobre

outros candidatos”.

Casos como o da Maísa não são uma exceção. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada no ano passado, o número de brasileiro desempregados com 11 ou mais anos de estudos cresceu em 45%. Com isso, a procura por cargos de nível inferior e até fora da área de atuação tem sido uma alternativa. A doutora em zootecnia já se candidatou para vagas de recepcionista, atendente, vendedora e auxiliar. Ela acredita que não tenha sido chamado “justamente por causa do curso superior”.

A experiência que falta pra ela sobra na carteira de trabalho do ferramenteiro Maikel Douglas. Mas ainda assim, ele está em uma situação parecida. O gaúcho de Porto Alegre veio para Ribeirão Preto há três meses em busca de emprego. Na carteira de trabalho, ele trouxe mais de 15 anos de experiência e no currículo vários cursos técnicos. “Costumam dizer que o currículo é muito bom, mas contratam outro, com um currículo inferior ao meu”, reclama.

Com as contas apertando, o jeito é tentar outras vagas. “Quando procuro outra coisa, prefiro tirar alguns cursos, mostrar um currículo mais básico”, conta Maikel. Mas a estratégia não tem dado muito certo.

Com a escassez de vagas e um momento econômico ruim no país, está cada vez mais difícil voltar ao mercado de trabalho. Cabe ao empresário julgar se determinado profissional é essencial para a empresa ou se é possível substituí-lo a um custo, tipo 50% menor.

Ribeirão Preto registrou no ano passado o pior índice de geração de empregos em quatorze anos, segundo o Cadastro

Geral de Empregos e Desempregos (CAGED) do Ministério do Trabalho. Durante o ano de 2016, foram fechados 89 mil postos de trabalhos, enquanto isso o número de contratações foi de pouco mais de 85 mil.

“O candidato não pode deixar de se aperfeiçoar, e se manter atualizado quanto ao mercado econômico, político e de negócios. É importante sugerir algo inovador na

entrevista de emprego”.

Maísa segue procurando uma vaga, mas pensa também em abrir um negócio próprio. “Estou empreender no área de alimentos para cães e gatos”. Sem as mesmas perspectivas, o ferramenteiro planeja procurar emprego em outras cidades. “Estou preparando tudo para ir embora. Talvez volte pra Porto Alegre ou outra cidade próximo da minha família”. ■



Maísa Heker e suas três páginas de currículo (FOTO: LEONARDO DE CASTRO)

MERCADO DE PRODUTOS USADOS SE TORNA FEBRE

O mercado de produtos usados pode não ser a principal fonte dos consumidores, mas vem adquirindo mais atenção devido à crise econômica que o país passa. O brasileiro possui muitos artigos em casa que não usa e, como meio de arrecadação, procura lojas e sites de venda para ter um lucro em cima daquilo que não tem utilidade nenhuma em sua posse.

Dados do Ibope Connecta demonstram que 70 milhões de brasileiros possuem itens sem uso dentro de casa e 84% deles pretendem vender esses objetos. A hipervalorização dos mercados online dão suporte a esse número, que só cresceu de 2015 para 2016.

Essa reutilização de produtos usados no mercado é chamada de “Economia Circular”, que propõe que os valores de recursos que extraímos e produzimos sejam man-

tidos em circulação por meio de cadeias produtivas intencionais e integradas. Esse conceito vai na contramão do sistema linear que praticamos, no esquema clássico extrair-produzir-descartar.

A circulação de produtos usados é ecologicamente sustentável, pois tira o “descartar” da sequência, enxerga o material como parte de um fluxo cíclico e preserva seu valor no mercado.

“Cada vez mais empresários e consumidores estão atentos às práticas de sustentabilidade, como o reaproveitamento da água e da luz solar”, explica Darcy Paulino, economista do Sebrae.

Ele lembra que o Brasil está começando aos poucos e fazendo ajustes muito pontuais em relação a reutilização de materiais no mercado, mas que há um futuro promissor. “Apesar de o conceito ainda ser pouco discuti-

do na nossa cultura, os consumidores já estão analisando meios mais sustentáveis de adquirir produtos”, completa.

Em Ribeirão Preto, é possível encontrar diversos brechós com os mais diferentes artigos à venda. Aparecida Marques é dona há mais de 30 anos do Brechó Dona Cida, no centro da cidade, e ressalta que o elevado número de lojas de produtos usados vem atrapalhando o rendimento de sua loja.

“Tivemos uma ligeira melhora em relação ao ano passado, mas a concorrência com o mercado na internet vem diminuindo o nosso recebimento de artigos usados.”

Outro local de venda da cidade que prova o alto número de produtos usados sendo vendidos é o Mercatudo, também localizado no centro da cidade. “Muito itens peculiares e diferentes podem ser encontrados aqui na

loja, sempre recebemos produtos de grande qualidade e alguns sequer foram usados”, relata Sara Venturi, dona do brechó.

Já a vendedora do brechó infantil Mamãe Coruja Camilla Stelli diz que os produtos de marca são os maiores atrativos de sua loja. “As pessoas deixam de usar e nos disponibilizam seus produtos, e os consumidores vêm pelo baixo custo e pelas roupas de marca”, afir-

ma ressaltando que neste ano, a cada dois dias, recebe um maior número de itens usados em relação ao ano passado.

A prática da economia circular traz benefícios ao mercado e ao consumidor, seguindo a receita dos três “erres” - reduzir, reutilizar e reciclar - unindo, na teoria, o modelo sustentável com o ritmo tecnológico e comercial do mundo contemporâneo. ■



Brechó em Ribeirão Preto (FOTO: PEDRO GROSSI)

CERVEJA ARTESANAL GANHA FÔLEGO EM RIBEIRÃO

ARNALDO SANTOS

Em meados de 1950, a inauguração da Companhia Antártica Paulista - produtora do chope famoso chope Antártica - fez de Ribeirão Preto a cidade popularmente conhecida como a capital nacional do chope.

Mais de meio século depois, a cidade continua sendo referência no mercado nacional da bebida e é uma parada obrigatória para seus apreciadores.

O fim das atividades da cervejaria no final da década de 1970 efervesceu uma nova experiência na arte da produção de cervejas. A fabricação da bebida artesanal, que no fim da década de 1990 era apenas uma ideia promissora, ganhou força e empreendedorismo, e co-

locou a cidade novamente na rota de prestígio da indústria cervejeira. Hoje, os profissionais do setor afirmam que Ribeirão Preto é o local e que esta é a hora certa para investir no mercado.

Atualmente, a cidade conta com cinco micro-cervejarias, que produzem aproximadamente 300 mil litros mensais da bebida, sendo considerada um forte cenário da cerveja artesanal no Brasil. A Tradição cervejeira, o empreendedorismo e a criatividade impulsionam o setor, que conquista cada vez mais adeptos.

Os proprietários e investidores do mercado estão confiantes nesta nova onda que promete não passar tão cedo. O

investimento é crescente e cada vez mais mestres cervejeiros trazem para a cidade novidades que aguçam o paladar dos mais variados estilos.

A cervejaria Invicta é a terceira na linha do tempo das cervejarias artesanais de Ribeirão Preto. Aberta em agosto de 2011, foi instalada para produzir tanto cervejas próprias quanto receitas de terceiros, que são as chamadas cervejarias ciganas, afirma o proprietário Rodrigo Silveira.

Nos primeiros dois anos de atividades, Silveira investiu cerca de R\$ 2 milhões na micro-cervejaria, sendo a primeira parte para toda a infraestrutura necessária para abrir a fábrica e o restan-

te conforme a arrecadação da empresa.

“A história da Invicta foi um sonho meu de empreendedor. Comecei no setor em 1998, quando poucas cervejarias operavam. Hoje temos capacidade para 40 mil litros/mês e chegaremos neste ano a 70 mil litros/mês com novos investimentos e aquisição de novos equipamentos. Iremos ampliar, ter um novo pátio fabril, e está nos nossos planos uma fábrica fora do país”, afirma.

O cenário cervejeiro de Ribeirão ganhou mais um personagem em abril de 2016, quando a cervejaria Walfanger abriu suas portas a todo vapor, com capacidade para produzir 14 mil litros/mês e com

um investimento inicial que também à casa dos R\$ 2 milhões.

“Já dimensionamos a indústria para expansão, poderemos chegar a produzir 60 mil litros/mês e esperamos, num prazo de cinco anos, estar produzindo sua capacidade máxima”, afirma o fundador e presidente da Walfanger, Augusto Balieiro.

Balieiro disse que ficou motivado a se aprofundar e investir quando esteve nos países europeus. “Queremos proporcionar algo que vai além de um produto de qualidade e que a experiência de degustação seja especial, inesquecível e que remeta apenas a valores e sentimentos bons” conta. ■

ALVO DE AMBIENTALISTAS, PECUÁRIA INVESTE EM BOIS “VERDE E ORGÂNICO”



EM BUSCA DE FORMAS DE DIMINUIR IMPACTO AMBIENTAL, CRIADORES DE GADO DESENVOLVEM REBANHOS ECOLOGICAMENTE CORRETOS

Diante das últimas catástrofes naturais, em especial nas duas últimas décadas, a sociedade se atentou para o aquecimento global. A forma como o planeta vem se aquecendo de forma rápida e continua põe em perigo o futuro da sociedade e tudo que a sustenta. A pecuária é um desses pilares que sustentam a sociedade, tanto no abastecimento de alimentos, quanto economicamente.

Além disso, é apontada como uma das vilãs do aquecimento global. Diante dessa nova realidade, umas das atividades mais antigas da história da humanidade viu a necessidade de se adaptar e criar formas de diminuir esse impacto ambiental. A partir dessa ideia nasceram o boi verde e o boi orgânico.

O conceito de boi or-

gânico vai muito além da simples criação do animal. Além de o bovino ser tratado da maneira mais natural possível, é preciso que o pecuarista não esteja degradando a natureza e que ele ofereça a seus funcionários boas condições de trabalho e também de vida.

No sistema de produção do boi orgânico, o pasto não pode conter agrotóxicos ou adubação química. Substâncias como vermífugos, carapaticidas e hormônios são duramente combatidas. No entanto, o animal recebe normalmente as vacinas do calendário nacional, conforme a legislação nacional.

De acordo com veterinário André Rios, esse método pode começar a ser aplicado em bezerros desmamados, que tenham entre 8 e 10 meses. “Futuramente, só serão

aceitos os bezerros nascidos no sistema orgânico. Por ser criado livre do estresse e em contato com a natureza, o boi orgânico apresenta menores chances de desenvolver doenças.” reforça.

Mas caso o boi adoça, ele será tratado com medicamento homeopático ou fitoterápico. Se for um caso de maior gravidade, e o animal precisar de remédio alópático, ele será isolado e permanecerá em um período de carência duas vezes maior do que o determinado para um tratamento convencional.

Além de pasto, o boi pode receber sal mineral e até suplementação proteica energética, respeitando-se um percentual de 10% da matéria seca total consumida pelo animal. Os suplementos também não podem ser transgênicos.

Já o boi verde é o boi convencional, segundo os seus idealizadores.

Produzir o boi verde consiste na produção natural ou ecológica, aproveitando as condições da propriedade. Ele alimenta-se exclusivamente de capins, seja pastagens ou outros, dispensando o uso de rações e grãos de fora. A diferença desse para o boi orgânico é que ele não possui selo de nenhum tipo de entidade certificadora.

O boi verde não exige pesados investimentos em instalações, mão-de-obra ou gastos encareçam o projeto pecuário. Basta dedicar atenção especial à qualidade da comida oferecida aos animais, suplementá-los na hora certa e utilizar um manejo simples.

Uma das entidades idealizadoras, que apostam na criação do boi verde, é o Núcleo de Criadores de Novilho Precoce do Triângulo Mineiro. Nessa região, 130 pecuaristas, com um rebanho de mais de 300 mil cabeças, investem na técnica, com excelentes resultados. A pecuarista Anna Terra Bortoletto afirma gastar cerca de R\$ 30 por arroba para produzir o boi verde e tem um faturamento médio de R\$ 38 por arroba.

Para essa entidade

de pecuaristas, criar boi verde não é apenas mandar o animal para o pasto. Alguns cuidados são necessários para garantir a fertilidade do solo e do capim, além de complementar a alimentação dos animais com sal mineral de qualidade e fornecer sal proteinado no período da seca.

Com esses cuidados, os animais têm condições melhores para passar pelo período de estiagem e até manter a capacidade de engorda.

Vale a pena ressaltar o potencial de exportação, pois o mercado mundial valoriza muito esse tipo de carne e o Brasil possui as melhores condições de produzi-la. Outro fator a considerar é a preferência do consumidor.

Pesquisas indicam que ele está propenso a pagar mais por produtos ecologicamente corretos e mais saudáveis. Isso sem falar na relação custo/benefício: menores custos de produção, abate mais cedo e mercado comprador mais promissor. O pecuarista tem muito a ganhar investindo no boi verde.

O mercado internacional está se abrindo à carne brasileira. Mas é preciso produzir mais e melhor para ocupar esse espaço. O boi verde pode ser essa resposta. ■



Rebanho de boi verde, ecologicamente correto (FOTO: DIVULGAÇÃO)

MULHERES GANHAM FORÇA EM AULAS DE ARTES MARCIAIS



EM BUSCA DE INSTRUMENTOS DE AUTODEFESA, ALUNAS VIRAM “PARCELA SIGNIFICATIVA” EM ACADEMIAS

As artes marciais, sejam elas orientais ou latinas, têm em sua essência o tratamento de condições físicas e mentais, por meio de técnicas de combate. Cada estilo traz a sua mensagem e as suas regras, que foram criadas para trazer disciplina ao aluno, além de proporcionar meios para se defender e criar força.

A advogada criminal Bárbara Furtado sempre foi apaixonada por artes marciais. Há 13 anos, ela entrou para o kung fu. No início, porque esse estilo chamava mais a sua atenção. Mas hoje, confessa, a prática não está só ligada ao amor, mas também à busca por autodefesa.

Bárbara já utilizou os seus aprendizados em sala de aula para se defender. Ela comentou que já passou por algumas situações ruins na sua rotina diária. O momento mais impactante foi quando sofreu um assalto com suas amigas, no centro de Ribeirão Preto.

Ao lado de duas amigas, a advogada foi abordada por um rapaz, que falava estar armado. “Eu analisei a situação, vi que o rapaz não estava armado, e assim reagi e não deixei ele nos roubar”, explicou a lutadora.

De acordo com Bárbara, o medo sempre surge na hora de um assalto ou em um momento de situação de risco, mas como está acostumada com lutas e competições, ela consegue se controlar mais para conseguir agir



Mulheres já representam cerca de 40% do público em aulas de artes marciais (FOTO: JULIANA LEAL)

da forma mais correta.

Essa não foi a única vez que Bárbara usou o kung fu fora da sala de aula. Não que ela se sinta 100% segura, mas... “Normalmente eu analiso a situação, e só então eu decido o que vou fazer, são segundos que parecem séculos”, justifica.

O mestre de Bárbara e dono de uma academia de kung fu na cidade Everton Rodrigues apoia a demanda em suas aulas de mulheres em busca de uma maior segurança.

“O kung fu também treina a defesa pessoal pois isso faz parte, mas a pessoa sempre tem que tomar cuidado quando

for usar e precisa ter muito treino para se defender”, afirma o professor.

Para Bárbara, usar qualquer arte marcial para se defender é algo importante, e é certo dentro da filosofia dessas modalidades, já que a defesa pessoal seria a tentativa de repelir o mal que está atingindo alguém.

O número de alunas nas escolas vem crescendo a cada ano. Atualmente, quase metade da sala de Everton é formada por mulheres. O mesmo acontece com a academia de Ricardo Aguiar, que é mestre em caratê em Ribeirão Preto. Hoje, elas representam 40% do total

dos seus alunos.

Ricardo não concorda com o uso das artes marciais para a autodefesa, porém, ele acolhe toda a demanda de alunas que chega a sua academia.

Já Everton afirma que as orientações para se autodefender nas ruas é para casos extremos. Para ele, caso a pessoa esteja em uma situação desarmada há como usar as técnicas para defesa.

“Se a pessoa estiver armada, só oriento a reação caso algo esteja prestes a acontecer. Há perigo em reagir, mas às vezes é melhor do que fazer nada.” Bárbara já usou o seu aprendizado, e acha

importante que mulheres aprendam para caso precisem usar. “As mulheres costumam ser extremamente assediadas e por isso eu acho a arte marcial extremamente válida.”. A advogada ainda diz que antes as mulheres sofriam com a violência e nada era feito. Agora, não querem mais isso.

Em contrapartida, Ricardo diz que a pessoa deve ter consciência corporal. “A pessoa tem que estar sempre atenta, e as aulas ajudam nessa parte. É necessário fazer de tudo para não usar qualquer arte marcial como forma de se defender.” ■

COMO LAÍS TENTA RECONSTRUIR A VIDA



EX-GINASTA FALA DA EMOÇÃO DE FICAR EM PÉ E DOS PLANOS PARA O FUTURO: VOLTAR AO ESPORTE E ANDAR



Nome completo: Laís da Silva Souza
Nascimento: 13 de dezembro de 1988
Naturalidade: Ribeirão Preto, São Paulo
Modalidade: Ginástica Artística Feminina
Início no esporte: 4 anos

- Pan Americano de Santo Domingo (2003) - 4º lugar no salto e 3º lugar por equipes.
- Mundial de Anaheim (2003) - 8º lugar por equipes.
- Olimpíadas de Atenas (2004) - 9º lugar geral.
- Copa do mundo de Ginástica em São Paulo (2005) - 2º lugar no salto.
- Brasileiro de Ginástica em Porto Alegre (2005) - 1º lugar no salto e 1º na trave

- Mundial de Ginástica Aarhus (2006) - 7º lugar por equipes e 4º no salto
- Pan Americano no Rio de Janeiro (2007) - 2º lugar por equipes, 3º no salto e 3º nas barras assimétricas
- Mundial Ginástica Stuttgart (2007) - 5º lugar por equipes
- Olimpíadas de Pequim (2008) - 8º lugar por equipes
- Copa do mundo de Ginástica na Croácia (2012) - 3º lugar no salto

Laís da Silva Souza é uma ex-ginasta que, em 2001, entrou para a seleção brasileira e, ao longo da carreira, participou de Olimpíadas, Pan Americanos, Copas do Mundo, Mundiais, Campeonatos Brasileiros e Copas América de ginástica artística.

Nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, Laís, ao lado de Jade Barbosa, Daiane dos Santos, Daniele Hypolito, Ana Silva e Ethiene Franco, conquistou a melhor colocação brasileira na história da competição, o oitavo lugar por equipes.

Em 2013, Laís deixou a ginástica de lado, começou a treinar esqui aéreo e conseguiu vaga para disputar os Jogos Olímpicos de Inverno de 2014,

em Sochi, na Rússia.

No entanto, durante um treinamento nos Estados Unidos, em 27 de

“Em nenhum momento, do meu acidente para cá, eu tive o feedback ruim das pessoas, sempre estiveram do meu lado, torcendo nas redes sociais por mensagens. Isso me torna mais positiva para passar uma mensagem positiva. Eu tenho pessoas que chamo de padrinhos ou anjos. Sou muito grata ao Neymar (futebol) e ao Doda Miranda (hipismo) que me ajudaram demais. Eles fizeram a diferença para minha estrutura de vida hoje”

Laís Souza

janeiro de 2014, a atleta brasileira sofreu um acidente que causou uma torção na coluna cervical e a deixou tetraplégica.

Em entrevista exclusiva ao “Jornal do Ônibus”, Laís relembra os principais momentos de sua carreira, fala de sua recuperação e das perspectivas para o futuro.

Como você entrou para a seleção brasileira de ginástica?

Eu morei em Ribeirão até meus 10 anos de idade. Comecei com mais ou menos seis anos, treinando na Cava do Bosque, depois fui para o COC e para o Moura Lacerda, passando por vários lugares por conta da estrutura. A decisão de ir para

seleção foi uma escolha de vida muito particular, pois eu me esforcei muito nos treinos. Depois, a gente recebeu um convite para ganhar muito pouco em São Caetano. Foi a partir daí que eu meio que entreguei toda a minha vida para a ginástica. Consegui ir pra seleção e foi um perrengue muito grande porque o nosso treino comparado com um treino de seleção era bem diferente.

Na época, eu peguei o [técnico] Oleg Ostapenko, que acabou me dando uma surra de ginástica e foi muito importante pelos meus resultados. Nunca tive um resultado muito bom assim, mas consegui um quarto lugar do mundo, outras medalhas em Copas do Mundo. Foram resultados que, por mais que não fossem alarmantes, foram muito importantes para mim.

Como é ser uma atleta de alto rendimento?

Eu acho que é um trabalho muito importante, só que com maior entrega física do que mental. O meu dia era de oito horas de treinamento específico e as outras horas eram de fisioterapia, academia e outras atividades para ajudar no rendimento, que pareciam nem caber no dia. Mas nós fizemos caber e foi quando tivemos o melhor resultado da história até hoje, que foi classificar a equipe para as Olimpíadas e conquistar o oitavo lugar com a equipe inteira. Então foi misturado, a entrega para a vida de atleta, a união da equipe também foi muito importante, tentar

não levar os problemas pessoais para dentro do ginásio, tudo isso tirando o conhecimento do profissional que tava nos treinando.

Como é feita a seleção dos atletas para a equipe de esportes na neve?

Na época, a gente fez um teste de força, flexibilidade e de cama elástica. Fez toda diferença eu já ter a ginástica no currículo, porque eu já sabia executar as acrobacias. Mas eu tive que aprender a esquiar, me adaptar com muito branco e gelado mais os esquis no pé. Querendo ou não, a gente pegava muita velocidade e a altura era pelo menos o dobro da ginástica, eu machuquei demais, ralei muito a cara na neve, caí várias de mal jeito nos treinos que eram na piscina.

Você se arrepende de ter aceitado esse desafio?

Nem um pouco, eu gostei muito. Foi uma das fases que eu mais tive medo, adrenalina, vi muitas paisagens e fui para lugares que tenho certeza que não vai mais acontecer na minha vida. Eu treinei ginástica por 22 anos e muita coisa já estava assentada, a adrenalina não era tão grande mais, quando eu fui pro esqui mudou demais.

Qual é o seu maior sonho?

O primeiro, com certeza é voltar a andar, mas eu também tenho muita vontade de ajudar os deficientes físicos, porque é muito difícil, tudo mui-

família e o emocional da pessoa que está passando por isso. Também tenho vontade de entrar na área do esporte e passar um pouco do meu conhecimento como atleta. Acho que misturando, tudo, vou ajudar bastante

Como está sendo ministradas palestras motivacionais?

Está bem difícil. Porque às vezes estou disposta e bem, aí fica fácil até pra falar e contar minha história, mas tem vez que estou um pouco mais triste, cansada, minha pressão altera muito e eu acabo tendo um pouco de dificuldade. Estou tentando encarar como se fosse uma faculdade, faço o treinamento com o coaching que me ajuda e vou colocando tudo dentro da minha cabeça, também tenho um pouco de dificuldade de falar em público. Ao mesmo tempo, está sendo gostoso porque eu acabo contando a minha história de vida, um pouco do que estou passando. Eu entendo que meu problema é grande, mas que não é porque eu não ando que o problema da outra pessoa não é nada e no momento da palestra eu acabo aprendendo mais do que ensino.

Como está sendo sua recuperação?

Pelo meu ponto de vista, a minha recuperação está sendo lenta. Mas, quando eu paro para pensar, olho lá atrás, penso em como eu estava, com muita febre, vômito e só passando mal. Agora, estou bem, consigo ter uma vida normal, apesar de precisar de uma pessoa 24 horas por dia. Então, parando para pensar em tudo isso, passou bastante tempo, mas realmente a evolução foi muito significativa.

O que pretende fazer no futuro profissional?

Eu tenho muita vontade de criar uma instituição de fisioterapia ou poder ajudar a ginástica. Também tenho muito dó da Cava do Bosque aqui em Ribeirão, onde eu comecei e que agora está

ferir e poder melhorar essas coisas, mas primeiro eu preciso me equilibrar, ainda estou me ajudando para poder começar ajudar os outros. Tudo isso com certeza entra no meu futuro.

Como está sendo estudar psicologia?

Está diferente, é uma nova entrega e tenho que dedicar algumas horas do meu dia pra essa nova jornada. Está sendo importante conhecer pessoas novas, o que professor

aula está fazendo muito sentido para a minha vida. Não está sendo tanto paro meu particular, mas sim pra minha vida.

Como foi ficar em pé pela primeira vez depois do acidente?

Depois de uma ano, eu comecei ficar em pé, aí venho ficando em pé sempre durante a fisioterapia, nem nem que seja por dez minutos ou meia hora, porque ajuda muito na minha pressão.

foi bacana, porque, quando estou sentada, minha visão é uma, já que fico olhando para cima e dá a impressão que eu sou uma pessoa bem baixinha. Quando eu fiquei em pé, olhar de cima foi muito legal, foi diferente e me emocionei de novo. Daqui pra frente, venho fazendo planos para que eu possa ficar em pé sempre e que alguém possa fazer alguma coisa que eu possa ficar em pé sozinha.



Laís Souza tenta reconstruir a vida após acidente (FOTO: VITÓRIA JUNQUEIRA DIAS)

Eu lembro poucas coisas. Estava um pouco cansada, mas muito feliz porque já tinha me classificado para as Olimpíadas de Sochi, já tinham acabado as competições, eu só estava indo pra fazer um treinamento mesmo. Lembro que, indo pra montanha, eu tinha escolhido não levar o capacete e do nada eu falei que ia levar sim, quando chegou no topo da montanha bateu a dúvida de colocar ou não novamente.

Foram mais de duas horas e eu fui muito bem no treinamento. Nos últimos dez minutos do treino de velocidade, lembro que virei pra minha amiga e falei: "Josi, vem de lado" porque estava escorregando muito. Só lembro disso, vem de lado e só.

Você pensa em voltar para o esporte de que forma?

Eu tenho vontade de voltar para o esporte ou com a psicologia para ajudar no emocional dos atletas, ou fazendo um esporte que eu até já experimentei que é a bocha adaptada, que é possível para a minha deficiência.

Como está seu processo de aposentadoria?

Não sei, hoje eu tenho apenas uma pensão do Governo, que é muito pouco e basicamente dá pra custear apenas meus medicamentos.

O que você tem de fonte de renda hoje?

Apenas a pensão do Governo e as minhas palestras. Estou fazendo o máximo possível pra ficar mais profissional com as minhas palestras para poder ganhar o meu dinheiro e me esforçar dentro da faculdade para eu me formar logo.

Hoje, eu tenho meu irmão e minha mãe que me ajudam e dois cuidadores. Tento pagar tudo com a minha palestra, por que se esse mês eu não trabalho, como eles vão ficar sem? Então eu me esforço muito para dar certo e pra ter eles do meu lado. ■

JOVENS VICE DA COPA SP BUSCAM ESPAÇO



SAIBA POR ONDEM ANDAM OS ATLETAS QUE LEVARAM O BOTAFOGO À DECISÃO DO TORNEIO DE BASE EM 2015



Dois anos após serem derrotados pelo Corinthians na decisão da Copa São Paulo de juniores, os jogadores que estiveram a um passo de fazer história com a equipe sub-20 do Botafogo se dividem em dois grupos: os que ainda buscam um lugar ao sol no futebol profissional e os que já desistiram do sonho para viver uma vida “normal”.

Reserva na derrota por 1 a 0 na decisão do principal campeonato de base do Brasil, o meia-atacante Erik Evangelista faz parte do segundo clube. O jovem cansou do futebol e agora planeja se dedica mais à religião.

“Não parei de jogar por lesão, ou por problemas, parei porque não queria continuar mesmo. Atualmente, não sou pastor, mas um dia quem sabe. Trabalho na CPFL. Tenho uma nova rotina diferente da dos gramados, mas

estou feliz e com pensamentos novos, sabendo que Deus está no controle e irá nos abençoar.”

Assim como Erik, o meia Túlio, que perdeu um gol sem goleiro no primeiro tempo da final contra o Corinthians, também não tem jogado futebol profissionalmente. Ao contrário do ex-companheiro, porém, ele ainda não desistiu da bola. Mas, já deu início a um plano B.

“Sofri uma lesão e estou em casa, fazendo um tratamento e sem clube. Neste período, iniciei um curso de licenciatura em educação física”, afirma.

Para o vice-campeão, ser titular da decisão da Copa São Paulo foi a realização de um sonho.

“Como um apaixonado pelo esporte, poder atuar em um museu do futebol, que é o Pacaembu, foi maravilhoso. A união da nossa equipe foi a base que nos sustentou até a

final, todos miravam um mesmo objetivo. Éramos um time desacreditado que surpreendeu a todos”, afirma.

Pelo menos seis dos integrantes do elenco finalista da Copinha de 2015 continuam no Botafogo. Um deles é o goleiro Talles, vilão da derrota para o Corinthians --cometeu uma falha no chute de fora da área de Maycon, que decidiu a partida.

“Atualmente, estou no profissional do Botafogo, como terceiro goleiro. Eu estava na Série C do ano passado, quando quase conseguimos o acesso, e no Paulistão deste ano, sempre como terceiro goleiro. Fui apenas para três jogos na Série C e um no Paulistão”, comenta.

Apesar do erro na final, Talles considera aquele vice-campeonato da Copa do São Paulo como o melhor momento do início de sua carreira.

“Entramos para história desse maravilhoso clube. A maior lembrança é de como lidei no jogo com a minha falha e do apoio que recebi do meu time. Naquele momento,

todos poderiam me colocar para baixo, cobrando porque era uma final e não poderíamos errar. Mas o que aconteceu foi o contrário, eles me colocaram pra cima”, completa. ■

Erik abandonou o futebol (FOTO: JÚLIA GRACIOLI)



NEYMAR É EXCEÇÃO



ENQUANTO ASTRO DO BARCELONA GANHA MILHÕES E, MAIORIA DOS BRASILEIROS NO EXTERIOR SOFRE COM SALÁRIOS ATRASADOS E SAUDADES DA TERRA NATAL

Para a maioria das pessoas, futebol internacional é sinônimo de riqueza, sucesso, fama e glamour. Os gigantes times da Europa ou os milionários clubes da China são exemplos da magnitude que o futebol internacional leva para o mundo. Assim, é comum que o maior sonho dos jogadores brasileiros seja atuar fora.

Segundo a Diretoria de Registro e Transferência da CBF, os clubes brasileiros realizaram 614 transferências para o exterior durante a janela de transferência de 12 de janeiro a 4 de abril de 2017.

O número engloba registro de amadores, profissionais como amadores, atletas de futsal e transferências feitas através da internet no sistema FIFA (TMS). Este relatório aponta que o total recebido pelos clubes brasileiros foi de R\$ 331,4 milhões. Em dados mais antigos da CBF, no primeiro semestre de 2015, 355 jogadores foram para outros países, movimentando cerca de R\$ 306 milhões de reais.

Apesar desse mercado gigantesco e da ideia de poder mundial e ostentação, a maioria dos jogadores brasileiros que atuam no exterior está em times de menor expressão e passa por diversas dificuldades desconhecidas pelas grandes estrelas, como Neymar e Gabriel Jesus.

Tom Gilio, meio-campista do PFK Beroe da primeira divisão Búlgara, sabe bem o que passou para chegar onde está. Há nove anos na Bulgária, o atleta de 31 anos, eleito melhor jogador pela torcida em 2015, começou na escolinha do Brodowski F. C., da sua cidade natal, passou pelo Botafogo-SP e assinou seu primeiro contrato profissional com o Palmeiras. Ficou no clube de 2004 a 2007. E foi ali que aconteceu o divisor

de águas de sua carreira.

“Se tivesse assinado por mais cinco anos com o Palmeiras, talvez minha carreira teria tomado um rumo melhor”, afirma. Na reta final do seu contrato, o time alviverde tinha interesse em renovar com Tom, mas o seu empresário na época ofereceu uma proposta na Turquia. O contrato internacional não aconteceu, e o empresário abandonou o atleta.

Além disso, Tom passou por um episódio sério quando jovem ao ser assediado por outro empresário. “Conheci ele quando fui fazer um teste em Curitiba. Era um cara respeitado no meio e começou a ser meu empresário. Em uma das viagens ele disse que só iria me ajudar se eu tivesse relações com ele”, conta o jogador.

DIFICULDADES

Outra situação comum vivida por esses brasileiros expatriados é a distância da família. Pedro Ferrari, que vive na Bélgica, desde que foi contratado pelo Royal White Star Bruxelles, da segunda divisão, é um desses que sofre com a saudade de casa.

O jovem de 22 anos, que já passou por times do Paraná e do Mato Grosso, conta que não consegue de jeito nenhum se acostumar com o novo país.

“A maior dificuldade é quando eu me sinto sozinho, é difícil querer estar perto da família, querer um abraço dos pais e não poder estar perto”, explica Pedro, que ainda ressalta a dificuldade com o idioma. Embora atualmente saiba falar inglês, francês, italiano e um pouco de holandês, o jogador demorou para se adaptar à nova língua no início, o que só aumentava a saudade de casa e a vontade de voltar para o Brasil.

Neymar, o astro do Barcelona e da seleção brasileira, ganha milhões e recebe em dia. Mas Pedro e Tom já sofreram com salários atrasados. O jogador da Bulgária teve sérios problemas com salário em dois times que passou. No caso do meia, os dois times em que atuou foram comprados por milionários que faliram. Tom estima ter perdido cerca de R\$150 mil reais com esses casos. Para Pedro a situação atual é ainda mais complicada: o jovem não recebe há quatro meses.

No exterior há quase nove anos, Diego Ferrarinho também teve seus momentos complicados. Atualmente no MKS Cracovia da Polônia, ele per-

deu o pai aos 16 anos, um mês antes de viajar para seu primeiro time internacional. Porém, mesmo com as adversidades, jogar e viver no exterior ainda é a melhor opção.

“Eu acho que não só para mim, mas, para muitas pessoas, a Europa é muito melhor em questão financeira, segurança, em tudo. Acho que a Europa paga muito melhor que o Brasil”. Segundo o atleta, que possui nacionalidade búlgara graças ao destaque que teve na passagem pelo Lokomotiv Plovdiv, isso e a falta de segurança, fazem com que o retorno só seja possível se puder escolher uma cidade segura para viver e receber um salário melhor.

Sem problemas com a estrutura do clube, os três jogadores admitem que a qualidade e o custo de vida são os principais motivos que os fazem permanecer lá fora.

De acordo com Pedro, o custo de vida na Bélgica é menor. E, apesar de precisarem pagar uma parte de seu salário para o governo, a vida é muito segura e tranquila, ficando próximos de outros países da Europa. Além disso, se estivesse em um time de segunda divisão no Brasil não estaria ganhando o mesmo. “Dá para ganhar mais que no Brasil, duas vezes mais que um time de segunda divisão no Brasil”, conta ele. ■



Pedro Ferrari, em ação pelo Star Bruxelles (FOTO: MARIA JÚLIA PEREIRA)

BIBLIOTECA INCENTIVA CONHECIMENTO DA CULTURA NEGRA



... CRIADA EM 2014, BIBLIOTECA ZUMBI DOS PALMARES
... JÁ CONTA COM ACERVO SUPERIOR A 1.500 LIVROS

Ao passar por livrarias nacionalmente famosas, Eduardo Donaires da Silva, estudante de Administração Pública, sempre olhava os preços dos livros que o interessavam e achava muito caro para suas condições financeiras. Ele pensava “se é caro para mim, imagina para quem tem condições piores do que eu”.

Com esse sentimento, Eduardo decidiu criar, em 2014, a Biblioteca Zumbi dos Palmares. Indo de porta em porta para pedir doações de livros, a iniciativa teve início de forma itinerante em uma edição do Arena Hip Hop, em Ribeirão Preto.

A ideia da biblioteca sempre foi doar livros para jovens de periferia,

buscando incentivar a leitura para a formação do conhecimento.

“Seria fundamental que as pessoas lessem mais, tivessem mais acesso e mais incentivo na escola, então foi percebendo essa defasagem que pensei que algo poderia ser feito”, comenta Eduardo. “A leitura é fundamental para a construção e formação das ideias do indivíduo enquanto cidadão e componente de uma sociedade”.

Mesmo tendo temas variados, desde gibis, passando por literatura infanto-juvenil e até livros didáticos, a biblioteca tem forte temática racial, tanto que leva o nome do líder da resistência negra contra a es-

cravidão no Brasil, Zumbi dos Palmares. “O motivo de eu ter criado a biblioteca foi principalmente a realidade que o povo negro vive aqui no Brasil. Então pensei que isso poderia ser revertido ou amenizado através da leitura”, explica.

Até hoje, a biblioteca já teve 16 edições itinerantes, e doou mais de mil livros. Eduardo tentou, no ano passado, criar a biblioteca em um espaço físico em Ribeirão Preto, porém não obteve apoio e ajuda necessária na cidade para conseguir realizar o plano. Após se mudar para Araraquara, onde estuda, Eduardo conseguiu apoio da vereadora Thainara Faria (PT) para montar a Biblioteca

física no Centro de Referência Afro, que até o final deste semestre fica na Avenida Feijó, 223.

“As pessoas vêm falar comigo o quanto importante o livro foi. Crianças falam que gostam de ler, mas os pais não tem tempo para ajudar ou elas não tinham livros em casa. É gratificante ver as pessoas, de fato, interessadas. Acompanhar as evoluções delas, das ideias. E, muitas vezes, só faltava um empurrãozinho para retornar ou começar a ler”, comenta Eduardo, sobre o retorno que obtém com a biblioteca.

A estudante de administração Danielle Marques é uma das pessoas que já participaram da Biblioteca e se sentiu incentivada a participar de ações buscando ajudar ao próximo.

“Conheci a biblioteca quando comecei a frequentar o Sarau Preto, e já participei indo com o Coletivo Abayomi (organização em Ribeirão Preto que visa lutar contra o racismo) e a Biblioteca na Fundação Casa onde levamos aproximadamente 80 livros. Foi lindo ver a reação das crianças e ver como um livro faz a diferença”, declara.

Para o antropólogo e educador de Tecnologia e Artes no SESC Daniel Ramos, a Biblioteca Zumbi dos Palmares possui uma grande importância para pessoas que moram em regiões periféricas.

“É um trabalho fundamental estimular o pensamento e a leitura nas regiões periféricas da

cidade que são alvos de um sistema educacional propositadamente ruim. Me senti incentivado a promover e apoiar ações nesse sentido”.

Sandra Molina, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), afirma que é importante estudar as questões raciais na sociedade atual pois após a abolição da escravidão no Brasil, em 13 de maio de 1889, o negro não tinha para onde ir e nenhum tipo de suporte por parte do Estado e da sociedade.

“É uma parcela grande da sociedade que foi sendo empurrada para situações marginais porque não tem trabalho adequado, nem remuneração e moradia adequada. Então é sim necessário discutir a questão racial, porque é preciso entender que nós não somos uma democracia racial”, diz.

Ela ainda complementa. “Quanto mais você ler sobre a história dos negros, mais você compreende o quanto existe uma discrepância nessa sociedade. Se eu sei o que me cerca, eu sei como lidar com isso. Ler e entender esse universo é um exercício de cidadania”.

Sobre o futuro da biblioteca, Eduardo pensa positivo. “É um projeto de longo prazo. Espero que ela seja ponto de referência onde as pessoas saibam que podem pegar os livros para entender algum assunto. Que seja ponto de emancipação pessoal e coletiva, de ligação entre o ser e a história, o ser e os livros”. ■

Idealizador da Biblioteca Zumbi dos Palmares (FOTO: LÍVIA DE OLIVEIRA FURLAN)



BATALHAS DE RAP ANIMAM RIBEIRÃO PRETO

As noites de Ribeirão Preto vêm ganhando um ritmo diferente nos últimos anos. Em um cenário musical com predomínio da música sertaneja, a batida do rap soa como um grito de resistência e diversidade. E quem está produzindo essa ebulição do ritmo, no geral, são jovens que participam das “batalhas de rap”, que acontecem pelos espaços públicos da cidade.

Nas batalhas, dois competidores precisam, por meio de rimas, improvisar uma música

confrontando o seu o adversário. Assim como um repente urbano, vence aquele que tem o raciocínio mais rápido e afiado.

Caso necessário, a plateia sempre conta como critério de desempate. Contudo, o clima nas batalhas é de festa, não existem inimigos. Todos estão ali pela música.

Uma das principais batalhas da cidade, a “Sangue na Sete”, que acontece nas noites de quinta-feira na Praça Sete de Setembro, no centro, reúne, segundo a organização, mais de uma

centena de pessoas.

O estudante Caleb Pinho, que participa das batalhas desde o início, revela como é a sua relação com o rap. “Olha, eu acho que sempre gostei de rap, sabe? Desde bem novo, quando via filmes de rap, eu ficava admirado, cantando no chuveiro e rimando contra mim mesmo, por falta de oponente”, comenta.

Outra participante que era figura carimbada nas batalhas era Liliane Santos, a “Lili MC”. Atualmente, a jovem rapper de apenas 18 anos, con-

seguiu ir para um cenário ainda mais competitivo que o local: São Paulo.

Na capital nacional do rap, a jovem coloca músicos experientes em apuros com suas rimas. “A galera de São Paulo tem uma forma própria de lidar com o rap. É uma filosofia de vida. Os principais nomes saíram de lá. Ribeirão também tem o Consciência X Atual, mas a cena é outra”, comenta Lili, referindo-se ao clássico e único expoente do rap ribeirão-pretano, fundado nos anos 90.

A popularização desse

tipo de cultura na cidade, trouxe consigo uma série de outros movimentos. Assim como o Sarau da XV, no qual jovens realizam batalhas de rap e leitura de poesias. E também a migração das batalhas da Zona Central para as periferias, como a Batalha da Zona Leste e o Sarau Preto, no Simioni. Essa migração fez com que os embates ficassem mais próximos do seu verdadeiro significado: ser uma válvula de escape para os problemas enfrentados na periferia.

PROJETO LEVA ARTE PARA DENTRO DE SHOPPING

ANANDA REVECE



Fachada do Projeto Conviver (FOTO: ANANDA REVECE)

Imagine um espaço dentro do shopping center que tenha encontros de jovens com exposições de arte, poesia e música, e que disponibiliza a oportunidade de socialização entre diferentes personalidades com o mesmo objetivo, de sentir-se incluído. O Projeto Conviver tem o formato de inclusão social onde adolescentes que gostam e apreciam a arte expõem seus trabalhos no shopping Santa Úrsula, localizado no centro de Ribeirão Preto.

Segundo Elieser Pereira, coordenador do projeto e Educador Social, a intenção é conhecer a juventude que frequenta o ambiente. No primeiro ano do projeto, em 2016, o

espaço físico foi no Ribeirão Shopping, zona sul da cidade. Neste ano, o espaço foi aberto no Shopping Santa Úrsula, onde há mais fluxo de estudantes e onde tem mais “rolezinho” --este termo é dado para encontros de jovens em um certo local.

A palavra “rolezinho” é o diminutivo de “rolê” e significa “dar uma volta”. Normalmente é combinado em redes sociais.

A questão é que esses passeios foram ganhando destaques devido a crimes cometidos por indivíduos que aproveitavam da situação para roubar. Arrastões e atos de vandalismo de diversas cidades do Brasil foram noticiados e transmitidos em progra-

mas de TV e o encontro que devia ser visto como algo natural, pois são apenas jovens passeando com colegas da mesma faixa etária, ganhou espaço no sentimento de medo tanto pelos clientes que passeiam pelos shoppings, quanto pelos lojistas.

Com isso, a Multiplan, junto com o Instituto Sinapse e Elieser Pereira, decidiram resolver o enfrentamento dos jovens com os seguranças e acabar com os problemas. O Projeto Conviver também tem como ação social o diálogo com adolescentes que causam algum tipo de transtorno no ambiente.

“O jovem precisa entender que o shopping é um espaço privado, e que

há regras estabelecidas. Eles sabem que não podem ser desrespeitados pelos seguranças, assim como os seguranças precisam do respeito deles.”

“Um dos garotos que tinha problemas de comportamento com os seguranças, hoje, está à frente do projeto mobilizando outros. No começo, os seguranças ficaram desconfortáveis e se sentiram confrontados com a presença dele, mas com o tempo perceberam que o objetivo do projeto obteve resultado”, destacou.

Conversando e interagindo com eles, as ações sociais são levadas para suas escolas, e encontros são marcados em parques públicos para a realização

de saraus, apresentações de música, grafite e poesia. Meninos e meninas usam os pilares do movimento hip hop para expor suas opiniões e emoções. O rap (rimas e poesias cantadas), o grafite (artes feitas em paredes) e o break (dança improvisada).

O reflexo das ações também chega às casas daqueles que fazem parte do Conviver. Elieser conta que o pai de uma das integrantes não deixou sua filha expor o trabalho, pois o shopping era frequentado por homossexuais. Depois de uma longa conversa entre a menina e o educador social, ela levou seu diálogo para o pai que logo compreendeu e aceitou a exposição.

ARTISTAS INDEPENDENTES QUEREM APOIO MAIOR



GRUPOS SE UNEM EM COLETIVOS E BUSCAM FORMAS ALTERNATIVAS PARA CONSEGUIR VIVER DA ARTE

A arte independente e de rua, junto com as intervenções urbanas, estão pouco a pouco ganhando espaços através da luta e persistência diária. Com a falta de políticas públicas para cultura e arte, os artistas de Ribeirão Preto precisam buscar alternativas independentes.

Uma dessas alternativas é organizar eventos que promovam a arte a fim de abrirem espaços e reconhecimento que são negados pela prefeitura da cidade. Alguns ambientes noturnos, como, por exemplo, o Armazém da Baixada e o Memorial da Classe Operária são sedes desses eventos.

Segundo Elieser Pereira, artista e organizador dos eventos, eles são uma alternativa para sobreviver e propagar a arte independente, mas não são o suficiente pra suprir a demanda da cidade e nem para cobrir todos os gastos dos artistas.

“Sou artista independente desde 2004. Eu produzo minhas músicas e faço shows. A dificuldade é enorme. Quem vive de arte aqui acaba tendo que promover suas próprias ações. Nós promovemos nossos eventos com algumas parceiras, mas a dificuldade é enorme porque não conseguimos obter um retorno, investimos mais do que ganhamos”, afirma Elieser.

“Dessa forma, o artista não consegue cumprir sua demanda e precisa buscar alternativa de trabalho, tendo muitas vezes que deixar a arte em segundo plano para sobreviver. Além disso, os repasses para manifestações artísticas culturais não atingem a demanda

da cidade. Temos poucos espaços públicos para tocar, por exemplo. A dificuldade de produzir algo me levou a trabalhar com as produções, hoje sou coordenador de projetos porque não encontrei ninguém que fizesse por nós. A necessidade me fez organizar e produzir eventos e festivais pra que possamos manifestar nossa cultura e nossa arte”, adiciona o artista.

“Todos os meus álbuns são independentes. Os espaços aqui de Ribeirão que eu já toquei foram praças, parques, Teatro Municipal, UGT, Goa... Eu circulo nesses ambientes, mas é difícil trabalhar com a música independente porque os espaços priorizam as pessoas que seguem a linha de cover”, complementa Elieser.

Além disso, a produção artística e cultural precisa lidar também com a formação do público. “As pessoas querem sair em busca de ouvir o que conhecem, é difícil encontrar espaços para as músicas autorais. A ideia de viver de arte é quase impossível, mas buscamos meios. Eu vivo daquilo que eu canto”, diz.

“Eu aproximei minha profissão daquilo que eu amo, a música. Todos os meus trabalhos são devidos à ligação que eu tenho com a cultura, a arte e a música. Eu vivo daquilo que a arte me proporcionou”, afirma.

Ao mesmo tempo em que o artista busca obter o reconhecimento de sua profissão, procura, também mudar a visão da sociedade sobre a importância do trabalho artístico e inseri-lo no dia-a-dia de cada indivíduo.

A arte independente e de rua tem como objetivo transmitir uma mensagem para a sociedade.

O artista Fernando de Almeida conta que “ser artista em Ribeirão é ser guerreiro, lutar persistir e ocupar sempre. Mostrar que estamos vivos presentes no movimento para a população e, principalmente, para o governo. É dar soco em faca na maioria das vezes, é fazer por amor sem esperar nada em troca. Não é impossível ganhar dinheiro com a arte, mas na nossa região é muito difícil.”

“É ter que se virar arrumar outro emprego, abrir mão de coisas pessoais, ficar feliz com pequenas conquistas que no fundo significam muito para nós. A secretaria da cultura não apoia artistas e grupos de Ribeirão Preto. Eles promovem eventos para burguesia e o resto da cidade que se vire. Temos um apoio do SESC, que valoriza muito o trabalho artístico em Ribeirão. Mas fora esse apoio, todo o restante vem da nossa independência”, reclama.

Em busca de mais conquistas no meio artístico, além de contar com os eventos realizados nos ambientes noturnos, Ribeirão também conta com coletivos. Um dos coletivos presentes no cenário é o MuDança Ribeirão, que consiste em um movimento de difusão e integração da arte na cidade. Ele aproximou-se da Secretaria da Cultura na última edição do Dança Ribeirão para reorganizar o evento.

No entanto, segundo Ana Yozetake, diretora de dança do coletivo, a se-

cretaria demorou meses para efetuar o pagamento dos jurados que participaram, contribuindo para que houvesse maior desvalorização do festival e para que o movimento buscasse ainda mais alternativas organizacionais independentes.

“O MuDança se coloca no sentido de que entendemos a importância histórica da dança em Ribeirão, mas queríamos abrir espaços, mudar o caráter de apresentações competitivas como era o Dança Ribeirão para integrarmos e unirmos cada vez mais a classe dos artistas”, afirma.

Segundo o ilustrador Alexandre Nascimento, os coletivos são a melhor alternativa para que os artistas se unam e lutem por espaço.

“É uma forma de todo

mundo se ajudar, um apoiar o outro, mas precisa de mais. Não só de mais coletivos, mas também de mais espaço para eles e algum incentivo aos artistas, mais oportunidades para que esse movimento cresça. Isso é arte. Um colaborando com o outro para produzir conteúdo”, diz.

“É difícil ser entendido como artista, as pessoas geralmente levam para o lado comercial, principalmente na área de ilustração. As pessoas esperam um trabalho que se encaixem com o que elas precisam. Nós temos uma identidade como artista e é muito difícil que as pessoas entendam isso, falta espaço para expormos o nosso lado autoral, e nós precisamos disso para sermos reconhecidos com a essência do nosso trabalho”, completa. ■



Música e dança querem apoio (FOTO: LÍRIA MACHADO)

MULHERES SE TORNAM MAIORIA NO MUNDO DOS GAMES



EM ALGUNS JOGOS, PRECONCEITO AINDA É ROTINEIRO

Isabelle Ribeiro, estudante de engenharia química, tem 19 anos e começou a se interessar por games quando criança. “O meu pai sempre adorou jogos. Ele estava jogando o Zelda, o primeiro Zelda que lançou, e eu achei magnífico. A história, o mundo, as imagens... a minha imaginação de criança estava compatível com o jogo, porque era um mundo diferente, com fadas, com mistério, com lutas, e eu achava maravilhosos os mistérios, era como se eu estivesse lendo um livro”.

Mesmo só assistindo, antes mesmo de jogar, Isabelle já era fascinada pelo mundo dos jogos. “Meu pai não me deixava jogar porque tinha medo de eu quebrar o videogame, e era muito caro naquela época. Então, eu assistia. Se não fosse meu pai, não sei se eu estaria jogando, ou saberia alguma coisa sobre jogos”.

Ela é uma das mulheres que transformaram o videogame em uma diversão não apenas masculina. Segundo dados da pesquisa Game Brasil 2017, 53,6% dos jogadores brasileiros são mulheres. O número cresceu 1% de 2016 para 2017, e 6% nos últimos dois anos.

Parte do crescimento se deve ao fato de que o smartphone se tornou a plataforma mais popular do país, com 85% das mulheres e 69,4% dos homens jogando em dispositivos móveis.

Para dados mais regionais, nossa reportagem realizou uma pesquisa através de um formulário na internet, que teve 1.889 respostas.

De acordo com os dados coletados, a maioria das jogadoras tem entre 14 e 17 anos, e começou a jogar com menos de dez. Em relatos anônimos, a maioria que conheceu os jogos ainda criança afirma que ingressou nesse mundo por influência de alguém da família, geralmente o pai, o irmão ou mesmo primos.

Mesmo ganhando jogos “de menina”, elas se interessaram e foram atrás de outros jogos como Assassins Creed, GTA, Warcraft, etc.

As mulheres gastam bastante tempo jogando. Um total de 48,7% alega jogar mais de duas horas por dia, seguidas por 28,3% que jogam entre uma e duas horas diárias. Mesmo jogando tanto, apenas 51,4% delas se consideram gamers.

Somente 30% das entrevistadas acompanha campeonatos de e-sports (competições esportivas de games que mobilizam milhares de fãs), mas 79,2% assistem a canais direcionados a games no YouTube e transmissões ao vivo de jogadores.

Engana-se quem pensa que elas jogam pra agradar namorado: 76,7% jogam por conta própria, porque gostam de evoluir e passar níveis nos jogos. Pelo menos 76,7% já comprou algum jogo, e 86,2% já gastou dinheiro real dentro de jogos.

PRECONCEITO

Isabelle diz já ter sofrido preconceito. “Se você tem um nome feminino no seu perfil em alguns jogos, eles já te julgam”.



Mulheres já são maioria entre as gamers brasileiras (FOTO: DESIREE VIANA)

O preconceito é grande em jogos online. “Conheço meninas que põem o nome unissex ou masculino, pra não ter esse preconceito. Porque tem uns, que você entra em grupo, aí os grupos veem se aceitam ou não, antes de aceitarem, eles olham suas características no seu perfil. Se veem que é mulher, alguns não aceitam. Na maioria dos jogos online, é difícil.”

Em jogos que você pode falar com os outros jogadores durante a partida, ela evita conversar. “Se você começou a jogar errado, e fala alguma coisa, eles ouvem sua voz. E se sua voz é feminina, só dá mais problema. Por isso, eu até evito falar, digito no chat mesmo”.

Segundo relatos da pesquisa, o jogo em que

mulheres mais sofrem preconceito é League of Legends, por ter partidas com jogadores aleatórios de qualquer parte do país.

Algumas mulheres dizem que às vezes usar um nick feminino no jogo já é o bastante pra ser discriminada. Isabelle compartilha da mesma opinião “O LOL é um dos jogos que eu não jogo, porque só tem xingamento, então eu evito”, afirma.

Além de League of Legends, Counter Strike também levanta um pouco de preconceito. “Ele é um pouquinho preconceituoso, ainda mais por ser de tiro, e muita gente fala que mulher não sabe atirar. Eu jogo, tô nem aí”, completa Isabelle.

Mas nem todos os jogos online são assim.

Segundo ela, nos jogos da empresa Blizzard, como Overwatch e Heroes of the Storm, é raro ter xingamentos e preconceito contra mulheres, pois a empresa é mais rigorosa, e costuma banir rapidamente os jogadores ofensivos.

Isabelle apoia as mulheres que jogam. “Nós mulheres, temos que ir tentando, vencendo preconceitos, mostrando que somos boas, não importa o sexo”.

Segundo ela, o ato de jogar não deve ser ofensivo. “Jogo para me divertir, e não pra passar nervosismo. Jogo para esquecer desse mundo, da vida real, e usar um pouco da minha imaginação, me divertir, como quando eu era pequena e via meu pai jogando”, ela finaliza. ■

Letícia Félix encontrou o escape para sua depressão com seu gato Draco (FOTO: ACERVO PESSOAL)



MUDANÇAS DE VIDA AJUDAM NA DEPRESSÃO



ALTERAR ALGUNS ASPECTOS DA ROTINA PODE SER FATOR ESSENCIAL NO TRATAMENTO DA DOENÇA

Quem olha para Fernanda Koermandy sorrindo, trabalhando nos eventos e distribuindo um amor incalculável no movimento bandeirante é incapaz de imaginar o passado que a trouxe até aqui. Mãe aos 14 anos de um filho prematuro, vivendo um relacionamento complicado e cercada por cobranças da sociedade, da família e dela mesma, ela conviveu por anos com a depressão e suas consequências.

A entrada no voluntariado do movimento Bandeirante, um grupo de educação informal para crianças e adolescentes que visa desenvolver ao máximo seu potencial, e seu início profissional no mundo da comunicação foram essenciais para que ela se encontrasse novamente fora da depressão.

A psicóloga Fernanda Saviani Zeoti relaciona as mudanças à “retirada da ansiedade da vida” daqueles que sofrem com a depressão, o que ajuda significativamente na melhora da doença.

“A ansiedade é a porta de entrada da depressão. Então, essas mudanças

na vida fazem com que a ansiedade diminua. Diminuindo a ansiedade, a probabilidade da depressão melhorar ou diminuir é grande”, explica.

Em 2013, Fernanda entrou oficialmente no movimento. “Foi o início de um ciclo muito especial e novo para mim. Chorei de emoção de uma forma que dificilmente irá se repetir em minha vida, foi naquele momento que tive a certeza de que eu era muito maior do que eu poderia imaginar e que dali em diante faria a diferença também na vida de outras pessoas” conta a jovem.

Com um sorriso sempre estampado no rosto, Fernanda é inspiração para aqueles que a cercam e prova que, mesmo quando tudo parece impossível, é preciso reerguer a cabeça em busca da mudança ideal para sua evolução.

“Eu tento, dentro do meu trabalho, levar questões de otimismo para as pessoas. Eu prezo muito pelo carinho, respeito, pela amizade, fraternidade, valorização da pessoa e do seu eu. Sempre busco

trabalhar com as nossas crianças e adolescentes para que eles possam ajudar outras pessoas dessa forma”, afirma.

A história de Fernanda é apenas uma dentre as inúmeras sobre pessoas que buscaram um tipo de tratamento alternativo para lidar com a depressão: a mudança de vida. Outro caminho que pode ajudar quem sofre deste mal é a fé, como aconteceu para Tamires Boer.

“Eu confessei para Jesus tudo o que eu sentia, e através dos ensinamentos da igreja percebi o quanto era amada por Ele. Eu não sentia mais medo de me confessar e percebi o quanto vale a pena a minha vida. As palavras sobre força, encorajamento, capacidade e afeto de Deus contidos na Bíblia me incentivaram.”

Durante a quase separação de seus pais, Tamires encontrou a fé perto de casa quando, após um culto evangélico, seus vizinhos começaram a visitá-la aos domingos, levando mensagens bíblicas e orações.

“A fé em Jesus como meu salvador faz que,

mesmo quando tudo está dando errado, mesmo que eu fique abatida e triste, me sinta amada, segura, em paz e protegida, completamente o inverso de tudo que a depressão causa”, explica.

Outra opção para quem busca alternativas na hora do desespero pela melhora é a adoção de um animal de estimação. Mesmo sendo pouco acreditada, a terapia traz resultados surpreendentes, como foi para Letícia Félix, que aos 23 anos adotou Draco, um gatinho que veio e mudou completamente sua vida.

“Conheci a pet terapia através da minha psiquiatra em 2016, pesquisei sobre e, apesar da minha pouca fé na época, decidi apostar na companhia de um pet para auxiliar meu tratamento. Pesquisei sobre diversos animais, sobre o temperamento e cuidados e qual poderia se encaixar melhor no perfil e estilo de vida. Depois de muitas conversas e pesquisas, decidi que adotaria um gato.”

Após um mês, a jovem já sentiu uma enorme diferença em sua vida. O

impacto que ele causou não foi pouco. Letícia reforça a importância dos meios alternativos à medicação prescrita para o tratamento de transtornos psicológicos.

“Eu moro sozinha, então em dias em que as crises de ansiedade e dissociação me sufocam, ter uma presença amigável e familiar por perto torna tudo mais leve. Sinto como se pudesse compartilhar esses medos com ele, e apesar de não me responder verbalmente, a troca de afeto é mútua.”

A depressão é uma doença mental causadora de sintomas como sentimentos de tristeza profunda, desânimo, solidão, angústia e medo, muitas vezes vindo com um vazio existencial de brinde. Apesar da ajuda profissional ser indispensável para o tratamento, histórias como as de Fernanda, Tamires e Letícia inspiram aqueles que passam pelo transtorno e buscam terapias fora do comum para auxiliar no processo. ■

AVÓS ASSUMEM PAPEL DE PAIS

Gustavo Pedersoli chama sua avó de mãe. Nada mais natural, afinal desde os 8 anos, quando seus pais se separaram, ele passou a morar e a ser criado por Maria Auxiliadora Borim. “Cresci com o sentimento que meus avós eram os meus pais.”

A realidade dessa família é algo cada vez mais comum no Brasil. De acordo com a psicóloga Laís Giron, há um aumento significativo de problemas sociais, como separação, negligência e gravidez na adolescência, que têm feito com que pais transfiram a responsabilidade de cuidar dos filhos para os avós.

Mas afinal, como são essas relações? Uma das maiores dificuldades está na criação dos filhos-netos. Maria Auxiliadora afirma que o desejo dela é fazer tudo por Gustavo, mas que faz questão de cobrá-lo bastante para que ele não seja mimado.

Na casa de Pedro e Lúcia Haddad, a realidade não é muito diferente. Para eles a diferença de idade realça algumas discussões, como por exem-

plo quando o neto dorme fora ou sai e demora para chegar. “O que eu passei com as minhas filhas, passo com ele, mas é mais difícil agora”, conta a avó.

Já para Aparecida Faria, a relação com a neta Larissa Agostino é melhor do que a que teve com a própria filha. Com os gostos parecidos, as duas criaram laços de afinidade que passam por comprar roupas a sentar juntas na mesa da cozinha para um bate-papo sobre as novidades do dia e da semana.

CARINHO

O amor e o carinho entre as avós e os netos se manifesta nos pequenos detalhes. “Se eu me atraso, ele liga”, revela Maria Auxiliadora. Ela e Gustavo afirmam que morar juntos foi a melhor coisa que aconteceu em suas vidas.

Lúcia também demonstra preocupação quando o neto chega tarde. Conectada nas redes sociais, envia mensagens de texto para saber onde o neto está e se vai demorar

para voltar para casa.

Diferente do que a maioria das pessoas pensa, netos criados pelos avós nem sempre são mimados. “Apesar da Larissa ter sido criada por mim, ela amadureceu muito rápido”, conta Aparecida, com orgulho. A estudante é fruto de um casal jovem e passou por momentos difíceis na vida, como a perda do pai aos dez anos de idade e a dependência química da mãe.

Pedro também passa por momentos de exigências. Junto com ele e Lúcia, mora também o avó, que sofre com Mal de Alzheimer. Ele retribui todo o carinho que recebeu dividindo os cuidados com a avó. Para ele, “o amor fala mais alto que tudo”.

Essa relação tem um grande efeito na vida dos avós. De acordo com um estudo realizado por pesquisadores australianos e europeus, avós que ajudam a cuidar dos netos vivem mais do que aqueles que não participam da vida das crianças.

A pesquisa divulgada pela revista científi-

ca *Evolution and Human Behavior* contou com 500 idosos, com idades entre 70 e 103 anos. Eles analisaram durante 19 anos três grupos diferentes: dos que não eram avós, dos avós que não ajudavam muito a cuidar dos netos e dos que faziam isso ocasionalmente.

Os idosos que cuidavam dos netos viveram cerca de dez anos depois que o estudo foi feito. Os que não ficavam muito com crianças, faleceram

cinco anos após a pesquisa. Também se concluiu que os idosos que não tinham netos, mas cuidavam de outras crianças, também viveram mais.

Entretanto, a psicóloga Laís alerta para o perigo da sobrecarga dos avós que também merecem atenção. “Exemplo disso são problemas econômicos, queixas físicas e confusão de papéis, uma vez que assumem função de pais e avós ao mesmo tempo”, afirma. ■

Avó e neta: relação especial (FOTO: GIOVANNA GREPI)



POR VESTIBULAR, JOVENS INTERROMPEM VIDA SOCIAL

VITOR NEVES

Você mudaria completamente sua vida para ser aprovado no vestibular?

A jovem estudante Ayumi Otani respondeu sim para essa pergunta. Com apenas 18 anos e almejando cursar medicina, ela estuda até 12 horas diárias e afirma que sua vida mudou completamente desde que começou a se dedicar para as provas. “Virei minha vida de cabeça para baixo, mudei a rotina e minha vida social, eu tive que aprender a dizer não para os meus amigos”.

Segundo Jefferson Urbinatti, psicólogo e orientador profissional, pelo menos 90% dos estudantes são afetados pela ansiedade pré-ves-

tibular. “Quase todos os estudantes se enquadram nessa situação, mudam sua vida completamente para se prepararem para as provas”, afirmou.

Outro caso, ainda mais drástico, é do Fábio Soffiati Filho, que nasceu com paraplegia muscular resultante de uma paralisia cerebral ainda na gravidez que afeta suas pernas. Também pretendendo passar em medicina, ele está no terceiro ano de cursinho e radicalizou: deixou de lado a fisioterapia no início do ano passado para focar somente nos estudos.

“Meu problema não corre risco de agravamento, eu perdia três horas semanais para me

dedicar a isso, deixei um pouco lado e hoje só faço um acompanhamento”, justifica o vestibulando.

Ele relata que os pais não o apoiaram nessa decisão, mas que, mesmo assim, teve a última palavra e decidiu interromper o tratamento.

Para Urbinatti, a decisão de Fábio se deve ao acúmulo de anos em que ele está no cursinho e também pela pressão interna que ele se promove ao querer fazer uma boa prova e finalmente passar no vestibular.

“O Fábio vive o mundo do vestibular, seja pelo curso que ele deseja ou pelo cursinho que ele frequenta, existe uma pressão social, qualquer ou-

tra distração sem ser os estudos, não fazem parte dos planos dele”, afirma o psicólogo.

Já para Gabriel Gonsales, o estudo para o vestibular exigiu que ele se tornasse muito mais independente de seus pais.

O estudante de 19 anos pretende cursar engenharia aeroespacial no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), uma das faculdades mais concorridas do país e há dois anos mora em São José dos Campos. “Estudo o dia todo, e em um vestibular tão concorrido assim você aprende com seus erros e cria suas próprias estratégias para se dar bem na prova”, diz

O psicólogo usa exem-

plos de países como Japão, onde o dia de volta às aulas é a data recordista de suicídios entre os jovens. “A pressão social por um bom desempenho escolar lá é tão grande que é comum casos terríveis como esses ocorrerem. Os estudantes só querem se livrar dessa pressão, de qualquer jeito”, completa Urbinatti.

“O vestibulando deve estar sempre com os pés no chão, esperando sempre o pior, todos têm que deixar o êxito ser uma surpresa”. É essa a dica que o psicólogo dá aos estudantes. Ele afirma que a pressão e a ansiedade sempre fazem com que o desempenho seja menor que o esperado. ■

VISITA AO CENTRO DA PROSTITUIÇÃO



SEXO, SONHOS E SEGREDOS: A ROTINA DAS GAROTAS DE PROGRAMA DA BAIXADA RIBEIRÃO-PRETANA

Na baixada de Ribeirão Preto, bem próximo ao Mercado e à rodoviária, as ruas ardem com a presença de dezenas de mulheres ofertando sexo para ganhar dinheiro.

Entre bares, brechós e comércios, garotas e senhoras de todo o país satisfazem prazeres inimagináveis dos mais variados tipos de homem. Usando nomes fictícios, algumas delas relataram ao *Jornal do Ônibus* como funciona essa realidade de comércio carnal.

“Eu já fui ativa com um cara. Ele trouxe o consolo, o dinheiro e fomos até aquela esquina”, começa Manu, ao apontar para o local em que ocorreu o programa. Mãe de duas meninas, a jovem de 21 anos, de pernas tatuadas com hibiscos descoloridos, trabalha na região há quase um ano e meio.

Para sustentar as filhas, ela deixou o emprego como manicure e passou a se prostituir no centro da cidade. De segunda a segunda, Manu sai de onde mora no Parque Ribeirão, na zona oeste da cidade, para atender os clientes da rua Duque de Caxias. “Tiro R\$ 5 mil por mês. O que faço acabou se tornando um vício. Mas não no sexo, e sim no dinheiro.”

Já as irmãs Carol e Laís, de 22 e 23 anos, fazem da prostituição um segredo fraternal. Há pouco mais de seis meses, as mineiras cruzam cerca de 160 km quase todos os fins de semana para levantar uma grana extra no calor ribeirão-pretano. Tudo isso escondidas do pai.

“Ele acha que viajamos para fazer um curso de cabeleireiro”, explica a mais velha, Laís, que, por dificuldades financeiras,



Programas no centro de Ribeirão custam de R\$ 30 a R\$ 70 (FOTO: MURILO BADESSA)

trancou a faculdade de fisioterapia, no segundo ano, em 2016.

Nascidas e criadas na roça até os 17 anos, elas dividem histórias complicadas. Com grande parte da família usuária de crack e diagnosticada com depressão, as morenas enxergaram na venda de seus corpos uma oportunidade para tentar melhorar seus destinos.

Com uma filha cada, ambas afirmam arrecadar cerca de R\$ 4 mil por mês, atendendo dez homens

por dia, de sexta a domingo. “Queremos que nossas meninas tenham tudo que não tivemos. Hoje, elas fazem ballet, estudam em escola particular e, no ano que vem, vão entrar no inglês”, diz Carol, que também esconde a profissão do ex-marido e do atual namorado.

Recém-demitida da fábrica de lingerie em que trabalhava, Carol, no momento, vê nas ruas de Ribeirão sua única fonte de renda. Laís, no entanto, divide a rotina de

trabalho como secretária em um escritório de advocacia na cidade natal, de segunda a sexta-feira, e garota de programa, aos fins de semana. O plano é voltar à universidade.

Quando o assunto é proteção, as meninas do local não economizam explicações. Não ficam bêbadas durante o serviço, fazem sexo apenas com camisinha, inclusive o oral, e nunca beijam o cliente. Além disso, exames que detectam doenças sexualmente

transmissíveis são feitos periodicamente.

“Quem está aqui está porque quer. A maioria de nós foi influenciada por amigas, mas sabe o que está fazendo”, revela Bruna, que se tornou uma profissional do sexo há cinco anos, quando ficou desempregada e passou por dificuldades para cuidar sozinha da filha, na época um bebê.

Natural de Uberlândia, a moça de 25 anos chegou a Ribeirão em maio. “Até agora, o dinheiro que arrecadei por aqui foi quase que inteiramente depositado na conta da minha mãe. Ela é quem ficou com a minha filha lá em Minas”, explica.

Ao contrário do que muitos podem imaginar, é sob as sombras das palmeiras da avenida Jerônimo Gonçalves que o movimento é mais intenso. Durante o dia, segundo as garotas, o número de atendimentos nos bordéis é muito maior do que durante a noite.

Desfrutada por comerciantes locais, moradores das regiões próximas e, até mesmo, estrangeiros, a prostituição na baixada de Ribeirão Preto é responsável por momentos de prazer, tristeza e alegria. Marcadas e discriminadas, as protagonistas da área, assim como uma muralha, detêm as urgências brutais do homem.

Com valores que variam de R\$ 30 a R\$ 70 por programa, mulheres inconfundíveis, cada qual com a sua história, lutam por uma vida melhor, não necessariamente fora da profissão. Entre sonhos e segredos, uma coisa ficou clara. “Não é porque somos putas, que não devemos ser respeitadas”, manifesta Bruna. ■